

A painting of a woman in a black dress sitting on a balcony overlooking a beach and ocean. The woman is seen from the side, looking out over the sea. The balcony has a white railing. The beach is golden sand, and the ocean is blue with white waves. The sky is a pale blue. The overall style is impressionistic with visible brushstrokes.

RETORNO

VII Antologia Literária

Academia de Letras da Grande São Paulo

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
José Bueno Lima
Guaraciaba Gissoni
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Augusto Alonso Ballaminut
José Roberto Espíndola Xavier
Alcídea Miguel
Eva Bueno Marques
Roberto de Carvalho
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Ana Luíza Almeida Ferro
Ana Cristina Silva Abreu
Flávio Mello
Teresa Gentile
Giovanni Monopoli

In Memoriam
Rinaldo Gissoni
Gioconda Labecca

RETORNO

VII Antologia Literária

1ª edição

São Caetano do Sul
2024

Copyright@2024 – da Algrasp

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da Algrasp.

Os conceitos e opiniões emitidos pelos articulistas e/ou
manifestantes são de inteira responsabilidade de seus autores.

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Paula Fiorotti

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Obra da Capa

En la playa de San Sebastian, Joaquín Sorolla (1895)

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

VII Antologia literária : retorno / [coordenação]

Maria Zulema Cebrian. -- 1. ed. -- São Caetano

do Sul, SP : Academia Letras da Grande São

Paulo - ALGRASP, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-65-88128-06-0

1. Literatura brasileira - Coletâneas I. Cebrian,
Maria Zulema.

24-226457

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

**Academia de Letras
da Grande São Paulo (Algrasp)**

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255

CEP: 09521-520

São Caetano do Sul – SP

Tel. (55) 11 4221-1643

WWW.ALGRASP.COM.BR

academiadeletrasp@gmail.com

Composto em sistema
de editoração eletrônica
Impresso no Brasil



RETORNO



APRESENTAÇÃO

A Academia de Letras da Grande São Paulo apresenta a *VII Antologia Literária*, cujo tema central é *Retorno*. Esta edição especial reúne uma coleção de obras que exploram o ato de retornar em suas mais variadas formas e significados, refletindo sobre as nuances e emoções que permeiam este conceito universal.

O retorno pode ser físico, emocional ou espiritual. Pode representar uma volta ao lar, à infância, a um lugar querido ou até mesmo a um estado de espírito. Nossos autores se debruçaram sobre essas múltiplas dimensões, trazendo à luz narrativas profundas e envolventes, que convidam o leitor a embarcar em jornadas de redescoberta e reflexão.

Nesta antologia, você encontrará uma rica diversidade de vozes e estilos, cada um contribuindo com sua visão única sobre o tema. Contos, poesias e ensaios compõem um mosaico literário que nos faz pensar sobre o que abandonamos e o que reencontramos ao longo do caminho. São histórias de reencontros, reconciliações e ressignificações, que nos lembram da importância do passado na construção do presente e do futuro.

A *VII Antologia Literária* é um convite para que cada leitor faça seu próprio retorno, seja por meio das lembranças evocadas pelas palavras, seja pelo reconhecimento de suas próprias vivências nos textos apresentados. Esperamos que cada página inspire momentos de introspecção e que, ao final, o leitor se sinta mais conectado com suas raízes e consigo mesmo.

Agradecemos a todos os escritores que compartilharam seus textos conosco e aos leitores por fazerem parte desta viagem literária. Que este retorno seja, acima de tudo, uma experiência enriquecedora e transformadora.

Maria Zulema Cebrian • Presidente





RETORNO

Textos



Maria Zulema Cebrian

@mzcebrian

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 03, cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña (Espanha), é filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Cursou Pedagogia, pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer (Santo André); Educação Artística-Licenciatura Plena em Música e História da Arte, pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila; Filosofia e Letras, pela Universidade de Salamanca (Espanha); Museologia e Serviço de Museus Históricos, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação de São Paulo; e Marketing, pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota, cursou Inglês, pela Cultura Inglesa (Cambridge); Espanhol, pela Universidade de Salamanca (Espanha); e estudou galego, como autodidata. Publicou os livros *Vontade de Ir Além* (2001), *Escreva, é mais fácil do que imagina* (2005), *Costurando Sonhos* (2021), *Escreva, você pode* (2023) e participou de várias antologias literárias. A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul conferiu-lhe a Medalha de Honra Di Thiene, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, que contribuíram destacada e decisivamente para o desenvolvimento do município.

LAÇOS NA TEMPESTADE

Senti um impacto súbito. Era a água que sacudia portas e janelas do meu apartamento, como se um meteoro houvesse despencado do espaço, pedindo para que lhe abrissem a porta para atravessar cada um dos apartamentos, destruindo-os como se fossem feitos de papel. O ruído ensurdecedor do alarme de incêndio fez com que todos saíssem de seus sonhos para um despertar de desespero sem se atinarem ao que realmente acontecia naquele momento.

O céu estava coberto por nuvens escuras e pesadas, prenunciando a tempestade que se aproximava. O vento soprava com força, fazendo as ondas do mar se agitarem violentamente. A cada instante, relâmpagos rasgavam o céu, iluminando a paisagem com um brilho efêmero e assustador.

A chuva começou a cair, primeiro em gotas esparsas, depois em uma torrente incessante. A água vinda do céu se misturava às ondas do mar, criando uma dança caótica e hipnotizante. O som do trovão ecoava, misturando-se ao rugido das ondas, enquanto a tempestade ganhava força.

Na linha do horizonte, era difícil distinguir onde terminava o mar e começava o céu. A água da chuva se fundia com a espuma das ondas, criando um cenário de pura beleza selvagem. A natureza mostrava seu poder, lembrando a todos da sua imensa e indomável força.

As águas impiedosas seguiam seu curso, enquanto eu lutava para manter o equilíbrio e não me angustiar. Aproximei-me da janela e constatei que a rua havia sido coberta pela água que caía. Uma chuva torrencial descia sobre nossas cabeças, como se o céu tivesse aberto as comportas da barragem de Itaipu.

Eu ouvia o movimento, os gritos e o forte barulho provocado pelo desespero das pessoas que se movimentavam pelos andares do prédio questionando-se sobre qual realidade era aquela. Incautos, corriam escada abaixo, derrubando-se, aos tropeços, com a intenção única de sobreviver àquele momento. O barulho ensurdecido da tempestade mascarava os gritos desesperados das pessoas na rua e daquelas que, inutilmente, procuravam se proteger do aguaceiro nos automóveis.

Fugiam sem saber do quê.

Pouco depois, ao abrir a porta de meu apartamento, fui surpreendido pelo som estridente e insistente de alguém batendo desesperadamente na porta de sua unidade, sem conseguir abri-la. O pânico tomou conta de mim, congelando meus músculos e deixando meu coração disparado. Cada batida parecia ecoar dentro de mim, aumentando a tensão e o terror que me dominavam naquele momento. Consegui ajudá-la e voltei para minha residência.

Lá embaixo, em meio a uma enxurrada, todos estavam amedrontados com a correnteza que, furiosa, arrastava todas as coisas em seu caminho, engolindo tudo e todos. As pessoas se agarravam a qualquer coisa que encontravam, galhos, postes, e uns aos outros. As casas estavam sendo inundadas, as janelas se quebravam, revelando cenas de desespero.

Desde minha janela, que ainda estava intacta, podia ver as ruas que haviam se transformado em rios com forte correnteza. Carros, lixo e destroços flutuavam como folhas secas e o barulho ensurdecido dos trovões dissimulava os gritos desesperados das pessoas lutando para manterem-se vivas.

Lembrei-me dos desastres ambientais de Mariana, em 2015, e Brumadinho, em 2019, e não pude conter as lágrimas. O pânico me dominou ao perceber a nossa insignificância e que, perante a força da natureza, éramos todos iguais. Sem nenhuma distinção. Ricos, pobres, jo-

vens ou idosos, todos nos encontrávamos à mercê dessa força implacável. Não queria morrer, e sobreviver, naquele momento, era minha meta.

Voltei o olhar para o horizonte, e o oceano, que antes se estendia até onde nossos olhos alcançavam, agora se juntara às águas da tempestade. Avistei no mar, um solitário pescador que lutava contra a fúria das águas. Seu barco balançava violentamente, mas ele procurava manter o controle com firmeza. Cada movimento era calculado, cada decisão, crucial. Com determinação, ele enfrentava a fúria do mar e da chuva, buscando sobreviver.

Parte da barreira do dique cedera, permitindo que as águas fluíssem pela enorme abertura. Sem proteção, as ondas rugiam, atingindo alturas inimagináveis. Juntas, começaram a invadir meu prédio, inundando as garagens. Sorrateiras, buscavam seu caminho. A chuva torrencial castigava o condomínio, transformando o saguão em um cenário de caos. As portas de vidro tremiam sob a pressão da água, os tapetes encharcados flutuavam e a água, impiedosa, seguia avançando.

Percebi que o edifício começava a se deslocar e a balançar como se estivesse sendo empurrado de um lado para o outro, enquanto vários moradores, como eu, seguiam em seus apartamentos, rezando.

A água começava a invadir minha moradia como um caudal inesperado que deslizava pela escada desenfreadamente. A curiosidade, misturada a um crescente pavor, me fez abrir a porta. Mal tive tempo de reagir antes de ser sugado por uma torrente poderosa, que me arrastou, engolindo-me em seu turbilhão impiedoso. O medo e a adrenalina tomaram conta de mim enquanto eu lutava desesperadamente para não ser levado...

Mas, uma queda no vazio, apenas deu tempo para me agarrar o corrimão da escada. Sob o impacto da água, elevei-me para conseguir respirar, bati a cabeça, mas me reequilibrei. Durante alguns segundos fiquei flutuando,

balançando como uma boia. Tomado de pânico, tentei subir para meu andar, mas foi inútil. A enxurrada descia implacável.

Houve um tremendo estrondo e línguas de fogo vermelhas e brancas espalharam-se e, então, tudo se tornou silêncio. A gritaria parara. E a única coisa que podia sentir eram as batidas de meu coração. Minha mão cedeu à força da água que subiu até meu peito cortando-me a respiração. Se eu me soltasse, seria o fim.

Uma água gélida varreu minhas lágrimas na escuridão que se instalara com o apagar das luzes de emergência. Aos poucos, os últimos centímetros que faltavam para que eu fosse totalmente encoberto por ela se completaram. Na ausência de luz, pensei que minha cabeça fosse explodir, por conta da pressão e da falta de ar. Dominado pela certeza de que me restavam apenas segundos de vida, emergi mais uma vez, aspirando todo o ar que meus pulmões podiam conter. Com o coração acelerado e focado na sobrevivência, submergi novamente, desesperado para encontrar a saída e por fim àquele pesadelo...

...

Os bombeiros já haviam me dado como morto devido ao tempo em que permanecera submerso, mas a mensagem cardíaca que realizaram me trouxe de volta da escuridão onde eu estava.

Abri os olhos e, ainda atordoado, vi uma figura se aproximando. Era um homem, também encharcado, com os cabelos grudados ao rosto. Nossos olhares se encontraram e, por um momento, ambos ficamos incrédulos, como se não pudéssemos acreditar no que estávamos vendo. De repente, ele estendeu a mão, revelando um objeto brilhante que segurava firmemente. Meu coração disparou, sem saber se aquilo representava uma ameaça ou uma salvação.

O homem tinha uma expressão de cansaço e desespero, com os olhos arregalados e a testa franzida. Seus lábios estavam apertados, como se estivesse tentando conter o medo ou a dor. À medida que se aproximava, seus olhos se estreitaram, revelando uma mistura de desconfiança e curiosidade.

— Você está bem? — perguntou, com sua voz abafada pelo som incessante da chuva e dos trovões.

Assenti, com os lábios trêmulos, e agarrei sua mão com força.

— É um milagre estarmos vivos — ele respondeu.

As chamas devoravam o prédio. Bombeiros enfrentavam o calor, a fumaça e a chuva, que se misturavam ao jato da mangueira, criando um arco-íris efêmero. Os ruídos do motor da ambulância e da sirene pediam passagem.

Quando nossos olhares se encontraram, por um breve momento, seus olhos brilharam com uma centelha de esperança, antes de voltarem a refletir a tensão da situação.

Uma lanterna iluminava nossos rostos e trazia uma pequena sensação de esperança em meio ao caos.

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 • Patrono - Guilherme de Almeida





Milton Bigucci

@miltonbigucci

É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2003, ocupando a Cadeira 05, cujo patrono é o escritor Lima Barreto. Autor de centenas de artigos publicados na mídia, também escreveu oito livros: *Caminhos para o Desenvolvimento* (1997); *Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente* (1999); *Construindo uma Sociedade mais Justa* (2005), *Em Busca da Justiça Social* (2012); *50 Anos de Construção* (2012); e *7 Décadas de Futebol* (2014), *Décadas de Luta* e *Caminhos para o Empreendedorismo* (2024), todos com renda revertida a entidades beneficentes. De família humilde, descendente de italianos, começou a trabalhar bem cedo, aos 9 anos. Já foi arquivista, balconista, auxiliar de almoxarife, contador, auditor do setor automobilístico, gerente-administrativo e diretor de uma construtora. Como empresário, sempre esteve ligado ao setor da construção civil, no qual atua desde 1961. Em 1983, fundou a MBigucci, uma construtora familiar, com sede em São Bernardo do Campo, e que já foi reconhecida por quatro vezes (2022, 2021, 2015 e 2014) como a “Melhor Construtora Imobiliária do Brasil”, pela revista *IstoÉ Dinheiro*. Nascido no bairro do Ipiranga, em São Paulo, no dia 19 de dezembro de 1941, Bigucci é casado com Sueli Pioli Bigucci. Pai de quatro filhos (Milton Bigucci Junior, Roberta Bigucci, Marcos Bigucci e Marcelo Bigucci), tem 12 netos.

LIÇÃO DE VIDA

No coração do Ipiranga, bairro de São Paulo, Roberto encontra o seu lugar no mundo. Sua jornada começa na Casa Freire, loja do senhor Nelson Freire, um estabelecimento modesto de venda de ferragens e louças, onde Roberto iniciou sua carreira de trabalhador.

Num dia como qualquer outro, enquanto carrega uma escada, Roberto acaba por danificar uma peça valiosa de um conjunto de jantar de louça inglesa. O medo de perder o emprego o envolve. No entanto, para sua surpresa, o senhor Freire não é duro com ele, mas, sim, bondoso.

Com uma compreensão surpreendente, o dono da loja percebe a situação difícil de Roberto e, em vez de demiti-lo, oferece-lhe uma segunda chance. Determinado a não falhar, Roberto redobra seus esforços. Nos sábados à tarde, após o expediente, ele carrega sacos pesados de tinta em pó do depósito para manter a loja abastecida.

Apesar dos desafios, Roberto encontra pequenos momentos de alegria. A cada domingo, ele reserva um tempo para ir ao cinema no bairro de São João Clímaco, um refúgio onde pode escapar da rotina e mergulhar nas histórias da tela grande. Às vezes, até vende gibis na porta do estabelecimento para ganhar alguns trocados extras.

No entanto, nem tudo é fácil. Em meio às chuvas na cidade, Roberto enfrenta um desafio. Ele só tem um par

de sapatos, que está furado. Para não molhar suas meias, coloca um jornal entre a abertura do calçado e seu pé. Mas ele não deixa esses obstáculos abalarem sua determinação. Com força de vontade, enfrenta cada adversidade que surge.

Anos se passam desde aqueles dias na loja do senhor Freire, e Roberto parte em busca de novos horizontes na região do ABC. Mas sempre que passa pelo Ipiranga, ele percebe o quanto aqueles momentos moldaram sua jornada. Ele compreende que foi a compaixão e o apoio que recebeu que o ajudaram a se tornar quem é hoje.

Assim, entre lembranças e reflexões, Roberto está sempre circulando pelo Ipiranga, principalmente depois que foi eleito conselheiro vitalício do Clube Atlético Ypiranga (CAY), uma agremiação muito tradicional da região, fundada em 1906. Ele sempre se emociona ao lembrar de suas histórias, recordando um tempo em que cada desafio era uma oportunidade para crescer e cada obstáculo era uma chance de superação.

Com o passar dos anos, Roberto tornou-se uma figura respeitada na comunidade do bairro. Sua história de superação e determinação inspira jovens e adultos, e ele se tornou uma espécie de mentor para muitos, especialmente no CAY, onde sua presença é constante.

Além de suas responsabilidades no clube, Roberto também se envolve em projetos sociais, ajudando as comunidades que estão em seus momentos mais difíceis. Ele entende a importância de retribuir e ajudar os outros, assim como o senhor Freire o ajudou no passado, mantendo-o no emprego.

Mesmo com todas as mudanças em sua vida, Roberto nunca esquece de suas origens humildes e das lições que aprendeu ao longo do caminho. Sempre que passa pelo Ipiranga, faz questão de lembrar de suas raízes e agradecer por tudo que conquistou.

E assim, entre as ruas familiares e os rostos conheci-

dos, Roberto encontra conforto e gratidão. Sua jornada de retorno ao Ipiranga não apenas o leva de volta às suas origens, mas também o transforma em alguém que faz diferença na vida daqueles ao seu redor.

Milton Bigucci

CADEIRA 05 • PATRONO - LIMA BARRETO





André Chaves

É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2017, ocupando a Cadeira 06, cujo patrono é Machado de Assis. Natural de São Caetano do Sul (SP), é bacharel e licenciado em História, mestre em História Social e doutor em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Possui pós-graduação *lato sensu* em Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, Ciências Políticas, Administração e formação em Psicanálise Clínica. Como escritor, já publicou *Sem Primeiros Poemas* (2002), *São Luís Scrosoppi: Bicentenário de seu nascimento* (2004), *Lençóis que exalam Poemas de Amor* (2007), *As relações de trabalho no Brasil: História e Reflexões* (2010), *Unimed 40 anos: idealismo, conhecimento e solicitude na tradição médica de Botucatu* (2011), *Unimed FESP: 40 anos de História e Evolução Contínua* (2011); *20 Lições de liderança cristã e sucesso na equipe de trabalho* (2014); *A Revista da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro: uma proposta para a identidade jurídica nacional brasileira* (2015), *Isaac Schutemberg e os Segredos da Ditadura Militar* (2015), *Contos Natalinos, Tempos de São Caetano* (2016), *Dez Anos Depois...* (2017), *Isaac Schutemberg e os Segredos do Nazismo* (2018), *A Razão em Mim* (2019), *Peso do Saber: Relações Jurídicas e Econômicas entre Capital e Trabalho Docente no ABC Paulista 1986 - 2016* (2023). Também possui artigos científicos e literários publicados em várias revistas. É professor e astrônomo amador.

A EXTRAORDINÁRIA
BIBLIOTECA DA RUA GIRASSOL

Na esfera celeste, as poucas nuvens algodoeiras espaçadas faziam parecer que o astro incandescente era uma fonte de calor que abraçava a cidade do Rio de Janeiro em imensa estufa. Sob tal força indômita da natureza, os habitantes daquela colina - meio verde, meio ocre -, uma inesperada ocupação na periferia esquecida da cidade, não titubearam ao batizar o imenso conjunto de submoradias, onde se abrigavam das intempéries da vida coletiva, de Favela da Fornalha.

Com janelas sempre abertas, a curiosidade de uns poderia ser um atentado à privacidade de outros. No entanto, entre os desafortunados, é quase monitoramento por amor ao semelhante. Um infundo choro de criança, estrondos em madrugada diluviana, socorro em código nos gritos de uma mulher, o silêncio atípico de um barraco, qualquer manifestação pavorosa que colocasse em risco a conservação humana era motivo de atenção e caridade.

Nessas mãos dadas à distância, admiravam o cotidiano do garoto que morava em uma das vielas tortuosas, de aguda inclinação. Observavam o caminhar firme de Gabriel, em estranha serenidade habitual, fortalecida pelo cabelo aparado, uniforme escolar (daqueles entregues gratuitamente pelo Estado) impecavelmente limpo e passado, tênis de segunda mão em mesmo zelo, portando pesada mochila sobre os ombros, sem se incomodar com o esforço sobre os joelhos. Autêntico nobre.

Dúvida compreensível, esse incógnito Silva morava com o pai, pobre ajudante de quaisquer serviços (quando encontrava biscate) e catador de resíduos recicláveis (ocupação à que entregou os dias). Afogava-se no traba-

lho para esquecer a morte do único amor, Filomena, que cedo deixou-os sozinhos no enlouquecido cotidiano da metrópole: fora atropelada por ostentoso carro de luxo, cujo motorista não parou para prestar socorro, abandonando-a em agonia até finar-se na maca da ambulância parada na frente da unidade de pronto atendimento hospitalar pública, aguardando a vez de ser examinada pelo único médico disponível.

Sempre esperava o pai chegar, que voltava ao modesto lar no final da noite, sem saber o porquê. A residência estreita, na forma de um corredor limitado por paredes, embora inacabadas, com os tijolos à vista, destoava dos outros cubículos de madeira que davam forma à comunidade. Graças ao silêncio, a mecânica do ferrolho e o ranger da dobradiça anunciavam sua chegada. Para evitar transparecer derrotismo em suas palavras, seguia cabisbaixo e calado para o banho, e depois, encontrava a janta posta para os dois. Não percebia que o silêncio era mais revelador: denunciava a incerteza de suas obrigações de pai.

Nunca lhe despertou comprazimento ter um filho, foi um agrado à amada que, depois de seu nascimento, precisou dividir-se entre ser mãe e esposa. Teve de trabalhar para melhorar a renda da família, e foi em uma das idas ao trabalho que a desgraça a acometeu. A maior dúvida era a culpa do menino: se não existisse, ela estaria ali, recebendo-o com carinho nos braços. Por fatalidade, convivia com o ente não desejado. Para aquele homem derrotado pelo destino, o garoto, embora possuísse inconfundível semelhança, era apenas presença indulgente.

Diante da frieza do comportamento e do fogo da tristeza, Gabriel nunca o deixava sem palavras aconchegantes:

- Amo-o tanto pai, nunca vou abandoná-lo! Vamos rezar...

Pronunciava só as sagradas sentenças enquanto jantavam, lhe contava dos acontecidos do dia, ordinários ou inesperados; pouco importava, sua alegria de viver aparecia com o sorriso no final de cada narrativa.

Ao terminar, o pai se levantava, jogava os trocados que tinha sobre a mesa e desaparecia, enterrando-se vivo em seu quarto. Os poucos pertences eram limpos e organizados como consequência da dedicação do garoto; já os trocados, ele sabia como poupá-los.

Não se entristecia ao ver o caixote de madeira vazio, desses que se resgata nos resíduos da feira livre, e que ficava em um canto, alerta para algum livro encontrado pelo pai.

Não raro, parecia que a população da metrópole, em espaços cada vez menores para habitar, se desvencilhava do que considerava objetos de uso concluído. Como doar às bibliotecas demandava esforço, e sem tempo para perderem quando em casa, muitos resumiam a existência do encantador objeto ao saco amarelo que seria recolhido pelo caminhão de recicláveis da prefeitura.

Quando o homem tinha sorte de se adiantar à limpeza pública da prefeitura, salvava os livros da fatalidade. Era esforço complementar depositá-los no caixote, assim procedia pelo que lhe restava de humanidade.

Unidade por unidade literária era levada à biblioteca da Rua Girassol. Ruas e vielas da localização passaram a ser chamadas por nomes de flores porque não havia placas que sinalizavam os nomes pelos quais o poder público as identificava. Em alguns muros, coloridas plantas tentavam oferecer vida aos olhos desavisados.

A biblioteca era montada em uma casa muito antiga, daquelas com o piso de madeira suspenso, estuque também madeirado nos cômodos, janelas que se abriam para os lados, pequeno quintal com jardim de plantas baixas, cortado por uma passarela cimentada que levava ao portãozinho.

Diziam os mais velhos, os pioneiros da ocupação dos terrenos sem donos, que aquela construção, com muros e portão baixos, era única por ali, e ninguém nela se atrevia a entrar por apresentar reputação arrepiante, diziam ser assombrada.

Dona Guiomar, frequentadora de um centro espírita do bairro mais próximo, foi quem teve coragem de ocupá-lo, faxinar, mobiliar com doações e oferecer o espaço como local de reforço escolar e biblioteca. Dizia que foi orientação dos “espíritos mentores”, mas ninguém entendia direito quem ou o quê eram tais entidades, sabiam apenas que, junto à senhora de muita fé, os filhos estavam seguros e encaminhados para a prática do bem.

Nos primeiros tempos, a mãe lá deixava Gabriel por algumas horas após a escola, para que ele pudesse interagir com outras crianças da vizinhança, além de ouvir e aprender com as histórias contadas pela simpática voluntária. Logo aprendeu a ler, e foi precoce. Do meio para o final da tarde, era lá que fazia os deveres de casa e apreciava as centenas de aventuras narradas. Embora lesse com desenvoltura, nunca terminava rápido um livro, por menor que fosse, pois, em determinado momento, adormecia.

Era nos sonhos que a silhueta feminina aparecia, sempre com um vestido azul-claro, voz aveludada e toque suave. Explicava-lhe como deveria escrever um texto, resolver uma questão, responder uma pergunta, tirava uma dúvida qualquer e orientava-o na prática da benevolência. Com o que parecia ser um toque em seu rosto, o acordava. Ao retomar a leitura, dominava seu conteúdo como ninguém. Pouco a pouco, o garoto foi desenvolvendo conhecimentos e habilidades que lhe fariam um aluno cada vez melhor, expoente no grupo escolar e uma aposta dos professores.

Ninguém aparecia nas reuniões de pais, o boletim lhe era entregue pela confiança. Na volta para casa, desviava seu caminho sorrateiramente. Entrava no Cemitério Paz Eterna e seguia entre as quadras até chegar ao túmulo da mãe. Diante de seu nome, data de nascimento e morte, mostrava as excelentes notas e jurava mesmo empenho para se tornar um adulto que lhe desse orgulho.

Os anos se sucederam, Gabriel tornou-se um belo

rapaz, simpático e asseado; despertava paixões e inveja. Embora oferecesse amor a todas as moças que sonhavam com ele namorar, o objetivo imediato era chegar à universidade. Embora intimado a trabalhar para os traficantes de drogas locais, soube declinar da ordem com a habilidade de poucos, conservando a amizade com os conhecidos de infância.

Concluídos os últimos exames de acesso ao curso superior, chegou à biblioteca da Rua Girassol, abriu um livro e, como sempre, aguardou o sono. Dessa vez não adormeceu. Sob as cortinas da intuição, abriu uma fisio-nomia de felicidade e realização porque presentiu que o melhor acontecera: sabia que seu nome estaria em breve na lista dos aprovados em Medicina na melhor universidade pública do Estado.

Assim aconteceu. O pai soube pelo comentário lépido das ruas, abandonou a carriola, correu como nunca para casa, mas não encontrou o filho. Entendeu que o rapaz já havia comunicado à mãe a meritória conquista, e só poderia ser encontrado em um lugar: na biblioteca da Rua Girassol.

Ao aparecer à porta da humilde casa do sentimento e da razão, olhou fixamente para o filho sem saber o que dizer. Como resposta ao olhar desesperado, Gabriel anunciou:

— Pai, nós precisaremos nos mudar. Consegui um quarto de pensão para homens. O dono precisa de um zelador, e ninguém melhor que o senhor para o cargo. Será a melhor forma de vivermos enquanto estudo; quando eu me tornar médico, poderá se manter no emprego e ir morar comigo, na casa que irei comprar.

Ergueu-se e lhe abraçou. O homem permaneceu calado, agarrado ao jovem, afogado nas lágrimas e sussurros que lhe imploravam perdão.





Ana Maria Stoppa

@escritora_ana_stoppa

Escritora, advogada e ativista cultural, a ítalo-brasileira Ana Stoppa (nome literário) é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2017, ocupando a Cadeira 09, cujo patrono é Rinaldo Gissoni. Faz parte, como Acadêmica, da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro (ANLPPB) e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências A Palavra do Século 21 (Alpas21). É vice-presidente do Rotary Club Santo André 8 de abril (Gestão 2023/24). Já participou de várias antologias, com cerca de 30 livros publicados, sendo a maioria direcionada ao público infantil, dentre eles: *Lelé, o Navegador dos Sonhos* (2015); *Rafael, o Ursinho Guloso* (2015); *A Fada Mirabela e o Sapo Guaraci* (2017); *Fada Verbena, a Defensora da Natureza* (2017); e *Cristal, a Corujinha Cantora* (2016). Na categoria poesia, já publicou: *Diagnóstico* (1988) e *O Silêncio dos Porta-Retratos* (2012). Em italiano, tem publicadas e traduzidas diversas obras, como as poesias *Mosaici di Sapienza* e *Il Silenzio Dei Porta Rittrati*, e os infantis *Lelé I Navigatore Dei Sogni*, *Rafael L'Orsetto Goloso*, *La Fata Mirabela e Il Rospo Guaraci*, *Stella L'Anatra Bella* e *Verbena La Fara Difensora Della Natura*. Detentora de vários prêmios conquistados no Brasil e na Itália, é autora do *Projeto Voluntário para Incentivar a Leitura*, criado em 2012, que até junho de 2024, já havia distribuído, gratuitamente, mais de 87 mil livros.

SE PUDÉSSEMOS VOLTAR NO TEMPO



Se pudéssemos voltar no tempo, não daríamos tanta importância para as coisas materiais, praticaríamos o desapego e buscaríamos a simplicidade.

Baniríamos para sempre os gritos inúteis, brados que nos revelam fracos e carentes de paz, que nos afastam daqueles que amamos.

Admitiríamos o quanto carecemos uns dos outros. Cantaríamos muitas canções, tomaríamos banhos de chuva, construiríamos barcos de papel, abraçaríamos demoradamente os nossos pais.

Desenharíamos a felicidade nas telas da simplicidade, faríamos da prece, o mais belo canto; da fé, o escudo imbatível; da esperança, a luz capaz de neutralizar todas as trevas; da solidariedade, o manto que protege, conforta e acalma; do amor, o bálsamo de todas as horas.

Reverenciaríamos o imaginário, morada dos sonhos, os tempos de infância, o perfume das nossas antigas casas, os sons da cigarra, o mugir do gado, o canto da passarada, o adorável barulho da chuva, as lanternas dos vagalumes, o voar das borboletas, os sorrisos dos nossos avós, o gosto da água armazenada na moringa de barro, o sabor dos bolinhos de chuva, a serenidade transmitida por nossos pais, nossos primeiros brinquedos.

Ficariamos felizes apenas por colher amoras, araçás ou guabirobas na mata nativa, perto de casa; por andar descalços, contar estrelas, admirar o desabrochar de uma singela flor, afagar os animais de estimação, catar conchas na orla da praia, adornada pelas brumas dançantes ou, quem sabe, salvar uma joaninha ou um tatuzinho. Brincar de roda, esconde-esconde, pular amarelinha, construir brinquedos improvisados, ouvir uma canção de ninar, rodar pião ou pular a fogueira nas noites de São João, quando as bandeirinhas multicores se pareciam com pássaros encantados a bailar nas noites enluaradas.

Pintariamos os momentos tristes com as tintas do arco-íris; sorriríamos como crianças; ignorariamos a ingratidão e a maldade; faríamos muitas preces para aqueles que, mesmo sem motivo, não conseguimos agradecer.

Nos bastaria a família e os impagáveis amigos que nos amam, apesar das nossas inúmeras imperfeições, e a gratidão por tantos anônimos que nos auxiliam nesta viagem chamada vida.

Quantas pessoas queridas já se foram! Mas, afortunadamente, temos tantas outras para valorizar, amar, agradecer e com as quais compartilhar momentos inesquecíveis! E, conscientes quanto à preciosidade do tempo, não nos perderíamos de forma exagerada, às vezes imperceptível, nas redes sociais, onde os abraços são robóticos, desprovidos de contato, de diálogos e de presença.

Então, nos amaríamos mais; desfrutaríamos de momentos sagrados da prazerosa convivência; nos mostrariamos indiferentes aos comentários que tentam diminuir nossa alegria.

Admitiríamos a nossa condição de seres em construção, carentes de aprendizado; assimilaríamos a brevidade da vida; seríamos capazes de distribuir a felicidade, por meio da solidariedade e dos sorrisos!

Mas, se o retornar ao passado nos revela impossível, hoje, o tempo ainda nos permite refletir e concretizar as

mudanças, vivenciar a existência que se revela maravilhosa, para compartilharmos muitos abraços, praticarmos o perdão, a compreensão, o amor ao próximo, a fé e a alegria, a resiliência e a paz!

Ana Stoppa

CADEIRA 09 • PATRONO - RINALDO GISSONI





José Bueno Lima

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 14, cujo patrono é Álvares de Azevedo. Brasileiro, é viúvo de Iara Balieiro Lima, com quem teve quatro filhos: José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe. Nascido em Santo André (SP), no dia 27 de dezembro de 1937, é filho de Antônio e Adelina Lima. Advogado, foi procurador-chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo (atualmente aposentado), e é escritor. Publicou três livros: *Um Passado Sempre Presente* (2010), *Como Se Fosse Hoje* (2010) e *Crônicas e Contos de Um Saudosista* (2012).

CARTAS

Fevereiro de 2013

Querido irmão Zé,

Espero que esteja bem. Não repare por eu ter ficado todo esse tempo sem me comunicar. Na verdade, como tudo que aconteceu comigo foi muito rápido, sem aviso, pensei que você pudesse estar chateado. Também, nem um tchau! Fiquei em dúvida.

Aqui onde estou, comecei a estudar novamente, e essa carta é um exercício de classe.

Antes de tudo, devo-lhe confessar que Deus foi muito bondoso comigo! Às vezes fico imaginando se mereço estar nesse maravilhoso lugar. Aqui tudo é belo, campos verdejantes, ar refrescante, um clima de paz, sossego total! As pessoas nem parecem andar, elas flutuam!

Mas, não é bem esse o motivo pelo qual escrevo para você! Quero falar de nós, de nossa família, dos bons momentos os quais usufruímos juntos. Relembrar dos tempos de sua infância, dos primeiros chutes que lhe ensinei, naquele corredor entre nossa casa, na Guilherme Marconi, e a dos Bramante, ainda com bola de meia, e depois, com a de borracha. Sempre fomos bons irmãos. Se bem que, em certas ocasiões, você vinha me dar pontapés na canela, quando eu não fazia suas vontades.

Lembra-se dos domingos, quando nos reuníamos para o almoço, nós todos, a mamãe, o papai, a nona Filomena, o Valde, a Guiomar, o Roberto, e muitas vezes o tio Vicente, a tia Soledad, o Miro, o Chico e a Nice? Acabado o almoço, começávamos a cantar as canções na-

politanas do Gigli, do Lanza, do Schipa e tantos outros... Depois, quando me mandaram para o colégio interno em Campinas, quando minhas férias estavam por acabar, a choradeira cantando *Mamma!* Naqueles domingos em que você, a mamãe, o papai e o Roberto iam me visitar, levavam a comida e fazíamos piquenique embaixo das árvores. Não me lembro de o Valde e a Guiomar irem.

O colégio era uma verdadeira fazenda, com árvores frutíferas e gado. Apanhávamos tamarindos e outras frutas, escondidos dos padres. Não vou dizer que aquele tempo foi um castigo para mim! Tinha os bons momentos, pois, louco pelo futebol, vivia jogando! Eu era craque. Mas foi duro me afastar da família por quatro anos! O bom, também, é que fiz muitas amizades, como o Clóvis Thon, o Xandú, o Chico, os mineiros, Luciano, Marco Aurélio, e o Carlos, da família Faria.

Quando voltei para Santo André, já com a Merceria Dom Bosco, que bom! Esse foi um capítulo à parte. Você, vindo do colégio interno, nas férias, me ajudava a servir no balcão, e nas entregas domiciliares, na Casa Publicadora, na residência do Santinho (Sócrates), amigo do papai na prefeitura. Lembra-se das balinhas e do sorvete da Neide? E quando você ia para o colégio, a mamãe enchia uma mala de chocolate, latarias e outros comes. Por que você não gostava da comida de lá?

Fala a verdade, era um tempo tão gostoso, não? Ia me esquecendo das vezes em que fomos para Torrinha, na fazenda dos Tombolato, com o Tunicão. Era demais a Fazenda Paraíso! Foram momentos inesquecíveis!

Aos domingos, indo jogar pelo Flamengoinho, pelo Rhodia, pelo Flor do Mar, sempre levando você a tiracolo. Mais tarde, com você já com uns 16 anos, jogamos juntos no Flor do Mar e no Palestra da Vila Sapo, com o Eurico e o Tchalau.

Bem, acho que estou me estendendo demais. Meu casamento com a Vilma, e o nascimento de meus filhos Zé

Carlos e João Paulo são assuntos que ficam para depois. E do seu enlace com a Iara, vindo o Té, o Cuca, a Pati e o Felipe, também. Fale para eles que escrevi. Apenas queria recordar os nossos velhos tempos, das noites ouvindo o Morais Sarmiento na Bandeirantes, antes de dormir.

Ah! Não posso me esquecer do nosso time do coração, o Tricolor do Morumbi, que lhe ensinei a gostar. É! São Paulo F.C., o mais querido! Quantos Pacaembu e Morumbi!

Estão me chamando. Vou me despedindo. Puta merda! Vai fazer dez anos que parti! Que papelão que apronte! Nem disse adeus. Mas, não tive culpa, não esperava acontecer daquele jeito!

Não pude fazer nada! Desculpe-me! Amo você!
Saudades!

Sebastião

(Ficção. Sebastião partiu em 4 de junho de 2003.
Infarto fulminante em um supermercado.)

Amado irmão Sebastião,

Estou muito feliz por ter recebido sua nostálgica carta. Fique tranquilo, pois, jamais estaria chateado por você não ter se despedido naquele trágico dia.

Deus foi justo! Você está no lugar certo. Sua passagem por este mundo foi marcada pela bondade. Bom filho, excelente irmão, pai extremoso, bom marido, trabalhador, só poderia ganhar o paraíso.

Como você bem alertou, esse nosso contato é restrito aos tempos de minha infância e nosso posterior convívio. Eu e você! Acho que nenhum de nossos irmãos irá me contradizer. Você foi o meu irmão mais chegado! O amor fraterno existiu entre todos, e ainda existe. Todavia,

pela diferença de idade, era justificada nossa maior aproximação! Outra coisa: o fato de nos separarmos quando de sua ida ao colégio interno, isso me calou fundo! Sentia muito sua falta, não tinha aquele que me ensinou a chutar a bola (...e sua canela!). Tenho quase certeza de que foi nessa altura da vida que me tornei um sentimental, um saudosista! O que, até hoje, carrego no mais profundo de minha alma.

Que tempo feliz aquele, das reuniões familiares, dos almoços, das canções napolitanas, quando você conseguia emocionar a todos nós, pelo sentimento dado em suas interpretações. Sim, *Mamma* era a mais emocionante, não havia quem não chorasse.

Como eu vibrava vendo suas atuações no futebol! De fato, você era bom. Suas arrancadas com a bola, desde a intermediária de seu campo até o gol adversário, com a língua enrolada entre os dentes, ninguém lhe segurava.

Mais tarde, as situações se inverteram! Eu fui para o internato. Mais uma separação! Aí, era eu quem deixava a família, naqueles domingos gostosos, para me ausentar por uma semana! Eu adorava o colégio, mas, naquela hora de me despedir da mamãe, do papai, de todos, e especialmente de você, era doloroso. Ainda bem que por apenas uma semana, diferente de seu tempo de internato em Campinas, quando somente vinha nas férias. E, também, eu estava em São Paulo, bem mais perto de Santo André.

Como gostava, nas folgas, de lhe ajudar na mercearia. Atendia a “freguesia” com prazer, todos conhecidos da vizinhança! Inesquecíveis as pessoas com nanismo, de origem alemã, clientes dela! Moravam na Vila Assunção, no chamado Clube dos Alemães, perto do hoje Hospital Brasil. Diziam-se que vieram ao Brasil numa *troupe* de circo e, devido à Segunda Guerra Mundial, não puderam sair daqui. O mais chegado era o Ricardo, que andava de bicicleta.

E quando o papai comprou o Chevrolet 1939? Como você curtiu aquele carro. Aí apareceu o Tião galanteador. Não havia menina que resistisse a seus encantos. O trio formado por você, o Tônico Tombolato e o Eurico Tchallau era o terror das moças de Santo André e adjacências.

Nunca me esqueço do primeiro jogo do São Paulo ao qual você me levou no Pacaembu! Mais ou menos em 1949, pelo Torneio Rio-São Paulo, uma partida contra o Vasco da Gama. Este time possuía um grande esquadrão, quase toda equipe base da Seleção Brasileira, com Barbosa, Augusto e Juvenal; Eli, Danilo e Alfredo; Tesourinha, Maneca, Ademir, Jair e Chico. E o Tricolor, que não ficava por baixo, com Gijo, Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Luizinho, Ponce de Leon, Leônidas, Remo e Teixeira! Perdemos por 3 a 1! Grande jogo!

Com o seu casamento, em 1953, e a venda da Merceria Dom Bosco, nos distanciamos. Acabaram-se as noites ouvindo o Moraes Sarmento, nossas idas para Torrinha e todos aqueles momentos de imensa felicidade que vivemos juntos, para cada um seguir sua vida!

Espero que esteja tudo bem com você. E só pode estar, pois, vivendo entre os bons, você usufrui das delícias do lugar reservado àqueles que somente fizeram o bem, enquanto na Terra.

Fique em paz, rogue por nós perante o Pai, e tenha certeza de que sinto muita saudade de nosso convívio.

Quando tiver uma folga, não deixe de me escrever!
Abraços e beijos deste seu irmão que o ama!
Saudade!

José Bueno Lima

José Bueno Lima

CADEIRA 14 • PATRONO - ÁLVARES DE AZEVEDO



Guaraciaba Gissoni

@guaraciaba_gissoni

Maria Guaraciaba Gissoni Fenicio é natural de Ouro Fino (MG). Filha do escritor Rinaldo Gissoni e da professora Antonieta Puttini Gissoni, é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 18, cujo patrono é Judas Isgorogota, pseudônimo de Agnelo Rodrigues de Mello, profícuo poeta. É formada em Francês, no Curso Superior de Literatura e da Civilização Francesa, pela Université de Nancy; em Italiano, pelo Instituto Dante Alighieri, de Milão; em Inglês; e em Decoração de Interiores, pela Escola Panamericana, de São Paulo. Foi revisora do escritor Rinaldo Gissoni, da Editora MZ-Cebrian e da Academia de Letras da Grande São Paulo. É saxofonista e pianista erudita, e hoje dedica-se à música popular. Além de poeta e escritora, é professora de Francês. Publicou as obras: *Eva's – contos do cotidiano* (2021) e *Eva's, por Ela* (2022). Novos contos, poesias e histórias infantis estão sendo produzidos pela autora.

O VISITANTE

Aquele ponto da rua, em suave declive, exhibe as árvores que ainda mostram, em suas copas, a suave claridade do Sol que se põe. No asfalto, claro e escuro se misturam prenunciando uma noite quente e calma.

Tudo é paz. Silêncio absoluto.

Amaro alonga o olhar procurando visualizar seu destino. Não há pressa. Será uma visita inesperada, uma surpresa. Agradável? Quem sabe?!

Na calçada oposta à casa move-se indeciso; um passo, dois... Detém-se, alonga o olhar. Disseram-lhe que ela se localizava no meio do quarteirão. Sabia que era simples, caiada e tinha um portão no rés da rua. O muro não muito alto, pintado em azul cobalto, permite visualizá-la.

Decidido, avança e atravessa a rua.

Ao aproximar-se do seu destino, a noite está caindo. Um tremor nervoso o acomete, ele se detém tentando se acalmar. Minutos se passam. Volta a caminhar e anda de cá para lá algumas vezes. Em seguida para e tenta visualizar a fachada da casa. Há um pequeno alpendre e, ao lado, uma janela com batente que lhe parece ser pintado no mesmo tom azul.

Leve cortina na janela semiaberta. Apesar do movimento provocado por suave aragem, o tecido esconde o seu interior. Aproxima-se do portão. Olha de um lado para o outro. Ninguém à vista.

A ocasião é esta.

Tenta abrir o portão que lhe parece estar trancado. Indeciso, procura visualizar o interior da casa. Vislumbra pequeno movimento na cortina. Aceleram-se as batidas do coração, imobiliza-se procurando dominá-lo.

Aguarda uns instantes. Receio de ser visto e mal interpretado.

Com certo esforço consegue abrir o portão e aproxima-

-se do alpendre. Dá pequenas batidas na porta com os nós dos dedos. Aguarda alguns instantes. Silêncio absoluto.

Ainda com a mão em punho no ar, arrepende-se. Quer voltar, mas sabe que agora a sorte está lançada. Um arrepio percorre-lhe a espinha. Novo tremor o acomete, não é medo. “Preciso me controlar”, pensa. Ansiedade, receio, esperança... Esconde-se atrás de uma folhagem que pende do teto. Respira profundamente tentando acalmar as batidas do coração. Era um momento decisivo em sua vida. Nos próximos minutos seu destino poderá mudar; de novo a felicidade ou, a continuidade da mesma angústia que o remorso lhe provoca. Após alguns minutos retorna ao portão. Preme a campainha.

Ela estava, como sempre, imersa na leitura de um livro. Capítulo decisivo em um caso de amor e traição. Como seria o desfecho? Com o livro semiaberto perde-se em seus pensamentos.

No primeiro momento em que o viu, soube que seria ele o seu destino. Se pudesse adivinhar o que aconteceria em suas vidas o teria afastado já naquele momento. Mas quem tem o dom de prever o futuro? Dominados por forte liame, entregaram-se totalmente àquele amor. Namorados, tornaram-se amantes. Foram anos felizes, eram almas gêmeas, concordavam em tudo. Eram um corpo, uma alma. No entanto, como sói acontecer, a realidade os levou a tristes acontecimentos. Ela engravidou. Tempos de completa felicidade. Um filho. Casaram-se antes do nascimento, afinal seriam agora uma família.

Felizes, dias e noites insones devido aos cuidados com o filho recém-nascido. Os dois primeiros anos foram mágicos, descobriram a alegria e a preocupação de serem pais. A vida transcorria leve, tranquila. Eles se revezando entre o trabalho e os cuidados com o pequeno herdeiro. Assim foi até que o destino se revelou cruel e aquilo aconteceu. Uma febre, foram ao pediatra, remédios receitados. A temperatura não cedia, o bebê se aquietara, não reagia. Pneumonia. Dias de angústia, noites em claro e, o final inesperado. A partir deste

triste evento, o casamento degradingolou. O silêncio substituiu os sons que o filho emitia, não mais a alegria de estarem juntos. Ela perdeu aquela vivacidade, a alegria de viver, calou-se, emudeceu. Vagarosamente, ele foi se afastando. Saía para o trabalho, voltava tarde da noite, até que um dia não mais voltou. Sem despedidas. Sem explicações. Apenas a ausência.

Meses após, ela recebeu um cartão que trazia uma linha escrita com mão trêmula: “Estou bem. Reaja. Seja feliz”.

Assim pensava quando um leve som a tirou de seus devaneios. Não conseguindo definir a origem, receosa, levantou-se e se dirigiu à janela do quarto. Abriu um pequeno espaço da cortina por onde pôde verificar o portão. Nada viu. Preocupada, pensou: “será que tranquei a porta da sala?”. E foi, neste instante, que ela ouviu tímidas pancadas... Estremeceu, não tinha amigos, não conservara nenhum após os tristes acontecimentos. Vivera do seu trabalho de tradutora e professora *on-line*. Assim pensava, tentando se acalmar, quando soou a campainha do portão. Após momentos de indecisão, com a insistência dos toques e movida pela curiosidade, abriu a porta.

No portão, o homem a fitava com intensidade. Sorria... E na semiobscuridade da tarde que findava, no início da noite, o brilho misterioso daqueles olhos castanhos a levou aos tempos passados.

Indecisa, parada no limiar da porta, reviveu todos os acontecimentos — segundos se passaram.

— Luana, deixe-me entrar.

E ela, lutando para aplacar os batimentos do coração, sabendo que não deveria deixá-lo se aproximar, que o destino a trairia, que iria sofrer novamente, obedeceu. Recebeu o homem que a abandonara em momento tão triste. Deixou-se abraçar, e entregou-se como se ele, ali, estivesse estado toda a sua vida.





Humberto Domingos Pastore

@humbertopastore

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, na qual ocupa a Cadeira 19, cujo patrono é Dom Aquino Correa, nasceu em São Caetano do Sul (SP), no dia 7 de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Metodista de São Paulo, e em Teologia, pelo Instituto Diocese de Santo André, desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa e edita o *Blog do Pastore*. Supervisor do Museu Histórico de São Caetano do Sul, é autor dos livros: *Contador de Causos Urbanos* (2004); *Santa Rita de Cássia - A Padroeira do Pinheirinho* (2004); *Cônego Belisário - O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos* (2009); *Tadeu - O outro Judas* (2007); *Lins - A saga de um líder sindical* (2010); e da obra infantil *O que aconteceu com Lúcia, a quati de pelúcia* (2023).

VOLTEI! E AGORA?

Por falta de um, vou descrever dois retornos. Ambos aconteceram no mesmo local, mas com um significativo hiato de tempo entre eles. Aliás, pensando bem, antes de falar sobre eles faz-se necessário discorrer sobre vários, que ocorreram nesta mesma localidade, no período entre 1962 e 1965.

Pode-se até dizer que, durante quatro anos, eles aconteceram praticamente de forma diária, sempre de segunda a sexta-feira.

É possível que já tenha imaginado sobre qual tipo de retorno estou a transcrever. Isso mesmo, narrando o tempo em que, matriculado no Grupo Escolar 28 de Julho, ali estudei os primeiros anos para aprender a ler, a escrever, fazer contas e saber quantos ossos tem o corpo humano.

Lembro perfeitamente do morro que tinha de subir, do vale onde fica a Alameda São Caetano até o cume, ou pico, onde, de forma plana, está o Bairro Barcelona, sede de meu grupo escolar, hoje transformado em escola municipal de ensino fundamental. Percorria quatro ruas e pronto, estava diante do portão da escola. A entrada era feita pela Rua lórida e, a saída, pela Rua Oriente.

Durante quatro anos meus retornos ali eram diários. Nos primeiros anos, para assistir as aulas da minha primeira professora Lígia, e, nos anos seguintes, do professor Néelson, tendo como diretor o professor Gregório. Sem dúvida, por causa de meu tamanho de garoto de 7, 8

anos, a recordação era de que tudo era grande e alto e os corredores muito compridos.

Destes retornos diários guardei registros em minha mente. Os bancos escolares eram de duplo espaço. No meio do banco, havia um buraquinho para pôr o vidro tinteiro com a tinta azul da caneta Parker. Foi um período de transição. Dois anos em companhia de meninos, e depois já na sala mista. Eu sentava nas cadeiras da frente. Sempre gostei de estudar, minhas notas eram boas, e cheguei a ganhar uma medalha de segundo lugar por honra ao mérito. E assim foram estes quatro anos de voltas constantes até pegar o diploma e ir estudar em outra escola, a Arthur Rudge Ramos, hoje derrubada e que deu lugar a uma praça.

Pois bem, falei de vários, mas, na verdade, iniciei esse artigo informando que seria a história de dois retornos. Então, vamos a eles. Esta minha primeira escola foi inaugurada em 1951 e sempre a considerei muito bela. Tinha no térreo todas as salas, a administração e o pátio. Vinte anos depois, nos anos 1980, ali fiz uma reportagem. Já formado em Comunicação Social, e trabalhando em um jornal da cidade.

Encontrei a mesma fachada, a entrada e a recepção como eram antigamente, só que agora os corredores me pareciam bem menores. Já não precisava ficar olhando para cima para ver as coisas, que estavam todas na mesma direção de meus olhos. O que mais me chamou a atenção foi o pátio! Como ele ficara menor, e o palco então? Parecia que tinham encolhido de propósito.

Veio a virada do milênio e, no ano de 2004, uma nova escola havia sido construída no lugar. Meu querido grupo escolar, que me abrigou enquanto usava calças curtas, já não mais existia. No seu lugar, um pátio coberto, de 300 metros quadrados, integrado a uma praça com bancos e mesas de jogos. As entradas agora são três. E o mesmo número de pavimentos. Além do térreo, mais

dois andares, e até um anfiteatro com 140 lugares foi erguido. Onde, aliás, com um orgulho imenso, ali estive anos atrás dando uma palestra sobre o Movimento Autonomista, que, na década de 1940 conquistou a criação do município São Caetano do Sul, separado que foi da vizinha Santo André, a partir de um plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948.

Como podem perceber, no dia desta minha palestra aconteceu meu segundo retorno. Hoje, quando passo pelo prédio, transpiro admiração, mas, no fundo, fica aquela sensação de ter perdido algo, por mais que ainda exista em minha memória.

Humberto Domingos Pastore

CADEIRA 19 • PATRONO - DOM AQUINO CORREA





Alcidéa Miguel
@alcideamiguel

Formada em Artes e Música e pós-graduada em Arte, Educação e Cultura, a brasileira Alcidéa Miguel é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 25, cujo patrono é Vinicius de Moraes. Integra, também, a Academia de Letras e Artes da Praia Grande, onde ocupa a Cadeira 16, que tem Cecília Meireles como patrona, e a Academia Internacional de Literatura Brasileira, na Cadeira 563. Atua como professora, musicista, apresentadora de programas de rádio, atriz, modelo, palestrante, e é embaixadora da cultura, contadora de histórias e escritora afro-brasileira. Participou de mais de 48 antologias publicadas no Brasil, na Argentina, na Itália e em Portugal. Possui 13 livros-solo publicados nos gêneros: romance, poesia, contos e crônicas, para o leitor adulto e infantil. Suas últimas publicações são: *O diário dos meus crespos versáteis* (2021) e *Histórias que ouvi e vivenciei* (2023), da Editora Scortecci. Participa da antologia *Cadernos Negros* e possui obras literárias musicadas nas plataformas digitais.

RETROCEDER JAMAIS,
AVANÇAR SEMPRE

Pertencente a uma família com mais cinco irmãos, Céia era a quarta filha. Aos 11 anos, participou de uma olimpíada estudantil que aconteceu na cidade de Santo André (SP), onde morava, quando um treinador “olheiro” a viu competindo na modalidade corrida de 100 metros. Ele a achou veloz e talentosa, e a convidou para treinar por um grande clube da cidade.

Autorizada pelos seus pais, iniciou com um técnico muito competente. Treinava todas as manhãs, das 9 às 11 horas. Ao chegar ao clube, dava 22 voltas na pista de corrida, depois fazia alongamentos, jogava bolas grandes e pesadas, encapadas de courino e cheias de serragem. Muito cansativo! Mas era prazeroso e amava o treino, pois sentia-se mais segura na hora de competir. Depois, ia até o almoxarifado, pegava sapatilhas de pregos para puxar mais a velocidade na competição.

O técnico apertava o treino, cronometrando o tempo para a atleta bater as metas exigidas pela confederação. O preparo era duro. A missão de Céia era ganhar as corridas e trazer os troféus para o clube e as medalhas para casa. Em uma das viagens para competir, ela conheceu dois colegas de atletismo do mesmo clube. Eles eram irmãos. Edu tinha a mesma idade dela. O menino tinha estatura média, era tímido e muito amigo; e Eli, de 13 anos, era alto e sério.

Ambos haviam se mudado da cidade de Santos para Santo André por motivo de trabalho do pai. Eram de etnia negra, assim como Céia, e integravam uma família de muitos irmãos, sendo, os dois, os mais novos. Eli se destacava por sua desenvoltura no esporte e dedicação integral. Tudo isso era sua paixão. Gastava suas horas treinando, batendo recordes e metas. O técnico o inscrevia para a maioria dos campeonatos, pois o julgava muito bem preparado. Fazia muito sucesso subindo ao pódio, e era sempre muito aplaudido!

Certo dia, em uma competição, correu com a sapatilha emprestada de um colega. No meio da prova, sentiu que o calçado incomodava seus pés. Continuou correndo descalço. O resultado foi a conquista do Campeonato Paulista, na modalidade dos 300 metros rasos.

Eli era diferenciado, um atleta de alto nível. Agraciado por Deus, cheio de talentos! Mas Edu e Céia também foram se destacando, alcançando resultados em suas modalidades mirins. Era um trio inseparável!

Os pais dos meninos faleceram. Tão jovens e já órfãos. Ficaram aos cuidados dos irmãos mais velhos. Eles eram tristes e de poucas palavras. Saíam pouco de casa. Gostavam de ouvir as músicas do cantor, ator e produtor estadunidense Frank Sinatra.

Céia parou de treinar aos 16 anos, mas os irmãos seguiram no atletismo. Eli abandonou a escola sem completar o ensino fundamental II; enquanto Céia e Edu completaram seus estudos.

Prêmios e mais prêmios, medalhas e troféus. Dentre os diversos conquistados, Eli chegou ao 20º lugar da famosa Corrida Internacional de São Silvestre, deixando todos muito orgulhosos dele! Aos 18 anos, o consagrado atleta trazia consigo uma tão declarada depressão que,

aos poucos, o direcionou à decisão de romper com sua brilhante carreira. Parou os treinos. Totalmente afastado das maratonas, teve sua vida tomada pela tristeza, pela solidão e pela bebida. Ficava em casa trancado por muitas horas. Começou a sair com amigos para esquecer as frustrações. Por meio de um deles conseguiu um emprego na prefeitura, na função de topógrafo, onde trabalhou por muitos anos. Foi reconquistando seu rol de amigos, mas havia perdido a amiga Céia de vista. Apesar dos incentivos para que voltasse para as pistas e treinos, e da chama sempre acesa em seu coração, não tomava uma decisão.

Com o passar do tempo, Eli começou a sentir-se mal, com a boca muito seca, fraqueza, sede excessiva e outros mal-estares. Após realizar vários exames, recebeu diagnóstico de diabetes. Ele se negou a fazer tratamento e a seguir uma dieta alimentar adequada. Mostrou grande descaso com sua própria saúde, o que resultou em uma cirurgia de amputação de dois dedos do pé.

E continuou assim, mesmo com a recomendação médica de que corria riscos de amputar mais membros em decorrência da gravidade da enfermidade... Que tristeza para um atleta que viveu nas pistas a competir e que ainda sonhava em retornar!

Nada o reanimava! Passou pela cirurgia. Ficou sem os dedos.

Tristeza total. Isolamento. Depressão por um ano e meio. Os irmãos e amigos tentaram reanimá-lo, mas, sem sucesso.

Certo dia, a vizinha entrou em contato com seus familiares declarando que havia muitos dias que não o via pelas ruas, na padaria, nem em canto algum. Sentia que algo estranho estava acontecendo. Um dos sobrinhos foi

procurá-lo na casa onde morava, chamou pelo seu nome, mas ninguém respondeu. Silêncio total. Chamaram as autoridades, que arrombaram a porta. Lá avistaram Eli morto no quintal dos fundos. Que tristeza!

Sua história de vitórias era contada por todos naquela vila em Santa Terezinha. O rapaz dos troféus, o garoto das pistas e agora, morto! Lembranças dos seus braços erguidos celebrando as vitórias, curvando a cabeça para receber a medalha no pescoço, colocando os dois pés no degrau mais alto do pódio e trazendo bons títulos para sua gente!

Chamaram sua família que, aos choros e soluços, encontrou seu corpo gelado no chão do humilde quintal da casa da vila. O que aconteceu com o atleta Eli? Morreu aos 59 anos. A causa da morte foi infarto.

Céia e Edu conviveram com ele nas pistas, nos treinos, em diversas competições; na mesma escola e no mesmo bairro. Ela veio a saber do seu falecimento após o sepultamento. Sua amizade com Edu ainda continua até os dias de hoje.

Eli almejava retornar às pistas. Não teve forças, nem saúde. Enfrentou dificuldades e barreiras. Ele lutou por si só! Isso já é uma forma de vencer.

Hoje e para sempre será lembrado como alguém que inspirou outras pessoas a alcançar o impossível.

Ele ouvia com frequência frases como “preparar, aprontar”, “vamos lá...a corrida começou”, “vamos competir!”, “é chegada a hora de subir ao pódio”, além dos tiros de largada, aplausos, fotografias, abraços e festejos...

Na vida é assim: por quanto mais experiências você passar, quanto mais treinar, mais estará habilitado a subir.

Algumas experiências são boas, outras amargas, mas te motivarão a vencer. O técnico sempre dizia: “O im-

portante não é ganhar, e sim ter sido selecionado para competir”.

O coração de Eli finalizou a corrida da vida, mas, os seus pés continuam a correr com a mesma agilidade.

Alcidéa Miguel

CADEIRA 25 • PATRONO - VINICIUS DE MORAES





Eva Bueno Marques

@evabuenomarques

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde junho de 1983, ocupa a Cadeira 26, cujo patrono é Cecília Meireles. Nasceu em Conceição da Aparecida (MG). Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas (MG), aposentou-se pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de literatura, tendo participado de seminário sobre os 100 anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na Universidade de São Paulo (USP), com a filha e a neta da poetisa. Mestre de cerimônias em vários eventos e declamadora, já se apresentou em dois recitais de poesia em São Caetano do Sul (1994 e 2005). Tem artigos publicados em antologias e na revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, instituição na qual é membro do Conselho Diretor desde 1997. Além de artigos publicados em diversas edições da revista *Tamises*, editada pela Academia de Letras da Grande São Paulo, tem trabalhos em jornais da região e de cidades de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios.

ECOS DO PASSADO:
MEMÓRIAS DE UM AMOR ETERNO

Em uma tranquila cidade do interior, vivia Onofre Toledo, conhecido carinhosamente como Seu Tote. Este habilidoso marceneiro, um senhor de estatura mediana, meio calvo, com suas mãos hábeis e o coração sensível e generoso, era uma figura indispensável na pequena comunidade, não apenas por suas extraordinárias aptidões com a madeira, mas também pelo seu espírito gentil e alegre. Com seus 50 anos, ele se dedicava à marcenaria com zelo e empenho, criando peças que eram verdadeiras obras de arte. Seu ateliê, localizado nos fundos de uma modesta casa que comprara, era o seu refúgio e local de trabalho.

A maior parte de seu tempo era passada na oficina, onde criava desde móveis robustos até delicadas peças decorativas, como mesinhas de centro com detalhes intrincados que encantavam a todos. Embora sua esposa e filhos residissem no sítio familiar, era na cidade que Seu Tote encontrava sua alegria, cercado por amigos e admiradores de seu trabalho e por ouvintes que vinham para se deliciarem com suas inspiradas histórias. Seu Tote era também um mestre na arte de contar causos. Sua imaginação fervilhante transformava cada conversa em uma aventura admirável, entrelaçando a realidade com pitadas de fantasia para capturar a atenção de seus ouvintes. Havia uma em especial, que era a mais solicitada e ele, com a maior paciência, repetia sempre com graça e cuidado. Era o caso que envolvia uma enxó, instrumento usado pelos marceneiros que consiste em uma chapa de metal cortante para desbastar peças grossas de madeira. A história que ele sempre contava era a seguinte:

A trama gira em torno de um marceneiro cuidadoso que enfrentava os desafios cotidianos com uma perspectiva peculiar sobre o futuro. O marceneiro possuía uma filha adorável que estava prestes a se casar. No dia em que o noivo veio conhecer a oficina do sogro, algo peculiar chamou sua atenção. Pendurada no centro do teto por uma robusta corda, estava uma enxó, ferramenta essencial no ofício do marceneiro.

Cada vez que o marceneiro lançava um olhar na direção da enxó, não conseguia conter as lágrimas. Intrigado, o noivo perguntou ao futuro sogro porque se emocionava tanto ao olhar para a ferramenta. A resposta que recebeu foi, no mínimo, inusitada: “Veja, meu filho, quando minha filha se casar e tiver filhos, meu neto virá brincar aqui. Eu temo que, enquanto brincar, a enxó possa se soltar e cair sobre sua cabeça, causando uma tragédia”.

O noivo, perplexo com a preocupação exagerada do sogro, propôs uma solução simples: “Por que não guardamos a enxó em um lugar seguro? Assim, evitamos qualquer acidente e podemos ficar tranquilos”. Mas, antes que tomassem qualquer medida, o noivo decidiu provar um ponto: ele viajaria pelo mundo e, se encontrasse alguém com medos tão infundados quanto o do sogro, voltaria e se casaria sem mais questionar.

Durante sua jornada, ele encontrou um homem que corria freneticamente, tentando capturar a luz do sol em uma cuia para levá-la para dentro de casa. Surpreso, o noivo sugeriu: “Por que não remover algumas telhas? Assim o sol entraria sem esforço”.

Mais adiante, o viajante se deparou com um grupo tentando, de maneira bizarra, içar uma vaca para o telhado de uma casa. A justificativa era que queriam que a vaca comesse um tufo de capim que havia crescido ali. O noivo, sem conseguir acreditar no que via, aconselhou: “Seria mais fácil cortar o capim e trazê-lo para baixo para a vaca comer”.

Essas experiências fizeram o noivo perceber que o medo do sogro, embora exagerado, não era o mais absurdo que existia.

Assim, ele retornou, casou-se com a filha do marceneiro e juntos decidiram guardar a enxó em um lugar alto e seguro. O tempo passou, nasceu o neto, que brincava feliz na oficina sem nenhum perigo. E assim, a família viveu em harmonia, sempre lembrando de manter a segurança em primeiro lugar.

Ao final de cada contação, Seu Tote concluía com uma reflexão: “Este caso, embora pareça inventado, ensina-nos sobre a importância de prevenir perigos, não importa quão improváveis eles sejam. É por isso que sempre guardo minha enxó em um lugar seguro, em cima do armário, para proteger aqueles que amo”.

O talento de Seu Tote era reconhecido não só na cidade, mas também nos municípios vizinhos. Suas peças fabricadas com capricho eram muito procuradas. Apesar do barulho constante da serra, os vizinhos jamais se queixavam, tal era o respeito por seu trabalho árduo e sua habilidade.

Apesar de viver na cidade, sua esposa, Dona Marcia, e seus dois filhos, Antônio e Elza, cuidavam de uma pequena plantação no sítio da família, nos arredores. Nos dias de matança de porco, as carnes, conservadas na própria gordura — um método antigo ante a falta de refrigeradores —, eram trazidas para Seu Tote, enchendo a vizinhança com um aroma irresistível, quando aquecidas no preparo de suas refeições.

Seu filho Antônio, com mais de 20 anos, acabou se casando com uma moça vizinha do sítio e continuou morando por lá. Com o tempo, Seu Tote ganhou seu primeiro neto, um menino saudável, lindo, que recebeu o nome do avô como homenagem a ele.

Onofrinho crescia rápido e livre, correndo pelo sítio e apreciando a infância da melhor maneira possível. Mas logo chegou à idade escolar e a família resolveu deixar a criança morando na cidade, pois era perto do grupo escolar, também considerando a ótima companhia para o avô, que reclamava sempre de ficar longe da família. Essa

decisão trouxe uma renovação de alegria ao coração do velho marceneiro, pois dela nasceu a melhor relação de amor entre avô e neto.

A oficina se transformava num paraíso de brincadeiras para Onofrinho depois que ele chegava da escola. Explorava cada canto e criava seus próprios pequenos projetos com os retalhos de madeira, sob o olhar cuidadoso do avô, que proibia o neto de mexer nas ferramentas perigosas.

Seu Tote, entre um trabalho e outro, dedicava tempo para construir brinquedos para o neto. Certa vez, construiu um caminhãozinho de madeira completo, com vaquinhas de carga, que se tornou o favorito do menino. Ele o arrastava orgulhosamente pela cidade, mostrando o talento e o amor do avô. Onofrinho crescia livre e feliz.

Como a cidade era pequena e todos se conheciam, as vizinhas sempre levavam bolo, roscas e docinhos para Onofrinho e até a professora, que morava próximo, auxiliava nas tarefas de escola. Assim, o menino sentia-se acolhido pela vizinhança durante a semana. Nos fins de semana, iam para o sítio da família. A criança dócil e obediente era o xodó do avô, que cuidava dela com desvelo, não deixando que nada lhe faltasse, principalmente o carinho e amor que transbordavam de seu coração. Sua vida passou a ter um outro significado com a presença do neto tão querido. Assim, a vida de todos na família foi caminhando e aprenderam que a água de um rio, em silêncio, contorna os obstáculos e tudo se ajeita.

Com o passar dos anos, Onofrinho cresceu e completou seus estudos básicos. A vida na cidade pequena, no entanto, oferecia poucas oportunidades para um jovem em início de carreira. A dura decisão de buscar um futuro em outro lugar pesava sobre ambos, mas o laço que haviam construído garantia que o amor permaneceria, independente da distância.

As necessidades da vida adulta o levaram para longe, em busca de oportunidades em uma cidade maior. A

despedida foi dolorosa, marcada por promessas de cartas e visitas frequentes, partilhando cada momento de sua nova vida. Seu Tote encontrava consolo nas memórias dos dias felizes passados ao lado do neto.

Elza, a filha caçula, e Dona Marcila vieram morar na cidade para cuidar de Seu Tote, acalmando o coração do velho, angustiado e sofrido pela partida do neto querido.

Assim, ajeitado estava o que, no início, parecia não ter jeito, segundo o coração.

Onofrinho acabou se saindo muito bem na cidade grande, galgou empregos melhores, cursou faculdade e aprendeu nova língua. Numa multinacional, foi escolhido para trabalhar no exterior. Já recém-casado, partiu para o desafio profissional com garra e determinação. O jovem se sobressaiu no trabalho e tinha uma ascendente vida profissional.

O tempo mostrou-se implacável e a saúde de Seu Tote começou a falhar. Sentindo que seus dias estavam contados, ele chamou pelo neto, desejando vê-lo pela última vez. Atendendo ao chamado, com o coração angustiado, Onofrinho retornou ao lar que tanto amava, correndo para junto do ente querido.

Mas esse retorno foi muito doloroso, porque, depois de alguns dias ao lado do avô, viu os olhos dele se fechar para sempre. Mas, antes que isso acontecesse, tiveram a oportunidade de relembrar cada episódio de suas vidas juntos. Falaram sobre as tardes na oficina, as histórias inventadas e os brinquedos que foram um marco em sua infância. Quando Seu Tote partiu, foi realizado por ter o neto ao seu lado, e Onofrinho se sentiu conforado por ter proporcionado ao avô a alegria de revê-lo e demonstrar mais uma vez o seu amor e gratidão de neto.

Após o funeral, Onofrinho, movido por uma saudade profunda, visitou a velha oficina para tocar uma última vez nas ferramentas e madeiras que tanto significaram para ele. Foi então que notou uma caixa antiga ao lado da enxó, sobre o armário, com seu nome escrito de forma

tremida por fora. Tomado de emoção, ele abriu a caixa, curioso para ver o que haveria dentro. Para sua grande surpresa, encontrou todos os brinquedos de sua infância que o avô havia feito. Lágrimas de amor e perda correram livremente enquanto ele segurava o caminhãozinho, o brinquedo que marcou a sua infância, agora um símbolo do eterno vínculo entre ele e seu avô.

Com o caminhãozinho nas mãos, Onofrinho entrou numa profunda introspecção. Como se estivesse hipnotizado, com o coração dolorido e com a memória afetiva extremamente aguçada, fez um retorno à sua saudosa infância, lembrando as longas tardes na oficina enquanto o som ritmado da serra enchia o ar. Aventuras quase mágicas pareciam dançar ao redor das madeiras. Como num filme, todas as lembranças passaram por sua memória: cada história que ele ouviu, cada brincadeira que fizeram juntos, tudo veio à tona com o mesmo impacto que ele sentia ao ouvir pela primeira vez, agora aumentadas com a carga da saudade.

Parece que seu avô estava ali fazendo os botões de madeira desaparecerem de suas mãos e aparecerem novamente, como ele tinha aprendido com um mágico que esteve na cidade, quando, em sua infância, lhe ensinara o truque, como gratidão por ele ter lhe auxiliado com algum favor.

Estas e outras histórias não apenas encantavam, mas plantaram a semente da criatividade e da coragem. Fascinado, Onofrinho aprendera que a vida, assim como as histórias, podia ser uma aventura maravilhosa. Prova disso foram as pescarias inesquecíveis que fizeram juntos: os preparativos do pão com mortadela, o suco e a água, os apetrechos da pesca sendo carregados até o lago próximo, o caminho sob a sombra benfazeja das árvores floridas e a conversa feliz que rendia muitas risadas. E aquela frase dita tantas vezes: “A chave da boa pescaria, meu neto, é a paciência. É como cozinhar uma boa história, precisa de tempo para ficar pronta”. Vez ou outra tra-

ziam algum peixe para casa. O costume era devolver os peixes ao lago, com a justificativa: “Eles ainda têm muita história para viver, assim como você, meu menino”. Seu Tote sempre teve um dom especial para transformar o ordinário em mágico: “O valor da pescaria está nas conversas compartilhadas e nas memórias criadas”. E essas foram realmente os melhores momentos de sua vida, formadores de um ilibado caráter.

A sabedoria do avô, disfarçada em contos e conversas despretensiosas, guiou-o como as estrelas guiam os navegantes, lembrando-o sempre da importância da paciência, da esperança e do amor incondicional.

Naquele momento, Onofrinho compreendeu que, apesar de Seu Tote ter partido, o amor que ele deixou seria seu guia para sempre, podendo transcender o tempo e as distâncias — um legado verdadeiro e inquebrantável. Cada peça de madeira, cada brinquedo, cada memória era um tesouro de um tempo que, embora passado, viveria para sempre em suas lembranças e em seu coração.

Naquele instante, mais do que nunca, ele sentiu o amor do avô envolvê-lo num abraço afetuoso. Era como se a presença de Seu Tote estivesse ali, guiando seus passos e acalmando seu coração.

A dor do retorno foi marcada por uma grande perda, mas também por um legado de amor e memórias que nunca morrem e que perdurarão através das gerações. Onofrinho, agora com um profundo senso de propósito e gratidão, enxugou as lágrimas.

Ele sabia que a vida continua, mas as lições e o amor de Seu Tote estariam sempre com ele, inspirando cada passo de seu caminho. Com o coração repleto de coragem e esperança, Onofrinho seguiu em frente, carregando consigo a herança de um amor eterno e indestrutível.





Maria do Céu Formiga de Oliveira

@mariadoceuforniga

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 38, cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, é pós-graduada em Psicologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo. Desenvolveu suas habilidades também como artista plástica, tendo realizado inúmeros trabalhos de pintura em aquarela ao longo de sua carreira. Na esfera acadêmica, ministrou as disciplinas Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade na Faculdade de Belas Artes, em São Paulo e, atualmente, é uma das coordenadoras do curso de pós-graduação em Psicologia Analítica da Universidade Cruzeiro do Sul.

TEMPO DE PAINAS

AO VENTO

A mo contemplar a natureza. Ela coloca em meus olhos todos os meus amanhãs. Não aponto estrelas, vou até elas, e retorno com Deus se balançando no meu coração.

Sou de matéria molinha, preciso tocar com delicadeza o cotidiano que, apaixonadamente, me abraça pelos ramos dessa estação que já nasce com inquestionável encanto.

Conto meus anos pelas idas e vindas da primavera, *primus tempus*.

Com a chegada dessa estação, festejo o retorno da luz. No inverno, a baixa luminosidade me incomoda e me inquieta, muito embora as sopas quentinhas, as velas e a lareira sejam reconfortantes nas noites de lua cheia.

A manta sobre meus pés na varanda, um bom livro e o amor no meu colo, também geram boa dose de calma neste meu coração viciado em repentinos espasmos.

Pelos campos de alfazemas gosto de florear sem o peso das pesadas roupas de inverno, sem o nariz vermelho e as mãos geladas. Tenho a sensação de liberdade, de corpo leve e quente, como naqueles sonhos vespertinos que ocorrem entre cochilos que não se esquece jamais.

Na época da floração, corro para os pórticos dos meus cafés preferidos, me instalo e deixo a vida passar em breves passos. Meus amigos podem me encontrar com frequência cantarolando debaixo das árvores enquanto poemas vão escorregando pelas minhas mãos magrinhas e miúdas.

Adoro a troca de horário, estico o final dos dias sem me dar conta do relógio porque não posso perder os matizes do entardecer, nem a revoada dos pássaros que, tendo cumprido sua missão, cansados e com sono, batem em retirada, dançando pelas nuvens para os seus esconderijos.

Eu vivo a primavera nas refeições quando as saladas, coloridas e cheias de mimo, reaparecem sobre a mesa, empinadas por arranjos docemente constelados.

As deliciosas frutas retornam também nessa estação. Encho a geladeira de framboesas e morangos. Muitos morangos. Retorno ao caminho das sorveterias e a criança que mora em mim se esparrama sem o menor constrangimento. É a alegria sem etiqueta.

Só um olhar suave consegue sublocar aconchegos que, na insensatez das horas, não suspeitamos existir.

As flores estão de volta. Em maio, observo com atenção a floração dos manacás do meu jardim. Quando estão bem floridos, me acomodo debaixo da copa de um deles e fico em silêncio, numa doce solitude.

Ligo para os amigos para anunciar que estou de volta e os convido para um anoitecer com nuvens claras ao som do meu tímido violino.

Nos países frios, a primavera é o tempo da pressa. Os bulbos, que por meses hibernavam sob o gelo, repentinamente, despertam do seu sono, rompem da noite para o dia a camada de neve que os cobria, e exibem sem pudor, seus pólenes perfumados. A primavera é curta e de uma beleza apressada. A certeza é de que outro inverno virá. Lá, por seu charme, ele é esperado com requinte.

Tudo tão diferente do outono. Tempo em que a palavra de ordem não é prazer, é felicidade.

Prefiro o tempo que conclame o ar livre, onde se amanece abraçando de olhos fechados, num suave amor feito de brisa que move páginas em branco, para registros românticos de uma nova história.

Não quero ser desatenta, por isso vou me lembrando das coisas que não considereei, das flores que deixei cair... Inadvertidamente, sei que, em tardes de desassossego, não senti o perfume dos meus manacás e nem coloquei raminhos atrás da orelha, como guia de néctar para atrair borboletas e polinizar campos ameaçados, quase estéreis.

Quero recolher todo sentimento - pétalas dispersas no gramado e recolocar nas árvores nesse tempo de sutileza e paixão.

O retorno ao tempo das painas ao vento eu vivo na primavera, quando a vida fica envolta na mística do instante. Quando uma fração de minuto esbarra na eternidade.

Assim, meus dias, tão cheios de desejos declarados, bem devagar vão pondo as manguinhas de fora.

Painas voando, delicadeza sem segredos.

Gestos suaves alcançam tudo o que no coração se revela órfão e devastado, e libera a lágrima que insiste em descer do rosto para, no cantinho do lábio, descansar.

Tempo dos movimentos macios em que encontro a beleza efêmera e transformadora das estações da vida.

Na primavera confesso que sou convidada a testemunhar o despertar do éden quando cada broto e botão que surgem discretamente, me ensinam a deixar para trás os tons que não me servem mais... resíduos que devo retirar da minha mochila, para subir com mais ligeireza as montanhas que me aproximam do céu azul-cobalto.

Com vestido de alcinhas, colorido, rodado, flor no cabelo e pés descalços, danço na praça até que, discretamente e cheio de devaneios, meu corpo declara: maio, só preciso de maio para desabrochar!

Ah! O retorno das painas voando em pequenos flocos com tanta discrição segue imprimindo mais esperança ao tempo que me é permitido existir.

Sonhar é emprestar suavidade à vida.

O gesto brando sempre me banha com vento de raros afetos!

Maria do Céu Formiga de Oliveira
CADEIRA 38 • PATRONO - MÁRIO QUINTANA







RETORNO

Poesias



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

@sebastiaogeraldoferreiragom

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André (SP). Nascido em Santos Dumont (MG), em 1947, é o terceiro de uma família de 12 irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena (MG), no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André. Coursou Direito em São Bernardo do Campo (SP).

VIAGEM NÃO É SÓ IDA



Por essa eu não esperava,
pois nem mesmo sabia
que ela havia partido
sem se despedir, o que havia?
Brigou comigo?
Não, isso não. Eu posso garantir!
Ficou biruta? Acho que também não!
Ir embora sem se despedir!
Relembro minhas palavras
naquele dia nefasto.
Se falei besteira eu não sei,
mas disse: por uns dias me afasto.
Será que isso está no jogo?
Não creio, pois estou apaixonado.
Mas ela também me ama
e eu sou seu namorado.
É muito difícil entender
os momentos ruins da vida
quando estamos depressivos
e ainda tratando-se de despedida.
É ruim mesmo, pode crer,
mas a viagem não é só ida,
assim como os caminhos,
onde há subida e também descida.
Isso me fortalece muito,
pois sei que um grande amor
não é apenas simples paixão,
mas é pureza que se abre como a flor.
A tristeza se foi como chegou
no momento em que ouvi aqueles passos!
Sim, era ela com seu belo sorriso
foi, então, que nos desmanchamos em abraços.

¶ EI, VEM PRA CASA

Ei, vem pra casa,
volte logo,
quero ver você chegar.
Vencida?
Não importa,
aqui é seu lugar.
Ei, não precisa
nem bater,
a porta está aberta
chegue a hora
que quiser,
com amor tudo se acerta.

Ei, não se esqueça
de trazer
todo, todo o seu calor.
Pois as horas
me incomodam,
longe desse seu amor,
me enlace
na soleira
e nem precisa me contar.
Quero apenas
me lembrar
que você quer me abraçar.

BASTA APENAS TER UM CORAÇÃO

Azul é a cor dos seus olhos,
azul é a cor do céu.
Doce é o seu olhar
tão doce quanto um favo de mel.

Neste céu tão azul dos teus olhos
enterrei a minha solidão,
fiz nascer nesse olhar sem pecado
as delícias de uma ilusão.
Fiz você perceber quão profundo
pode o amor penetrar a razão.
Para fazer a beleza no mundo
basta apenas ter coração.

Uma praia, um mar e o sol
são momentos felizes, suaves, tão puros,
mas que podem fazer, sem querer,
incertezas em tempos futuros.

O azul dos seus olhos
me fez enxergar
o azul celeste
do meu coração.
O amor que é azul
vai saber esperar,
até chegar
novamente o verão.

E o verão, o céu e o mar,
as recordações, os beijos, a saudade!
Ah, como são puras as suas juras
e o calor que encobre o seu entorno!
É isso que me faz esperar,
sorrindo para outra realidade.
Que o verão nos faça sentir nas alturas
para o nosso alegre retorno.

O SOL FEZ VOCÊ VOLTAR

O sol, que clareia os caminhos
e aquece os ninhos,
fez você voltar.
Fez renascer o amor,
que à noite o furor
fez você me deixar.

O sol clareou as ideias
que a bebida turvou,
distorcendo a razão.
O sol fez você compreender
que é tão puro e só seu
o meu coração.

E quando a noite voltar
não se esqueça que o sol
foi seu amigo.
Deixe de lado a bebida
e veja que a vida
é aqui comigo.

RECOMEÇAR DE NOVO

Eu via ao longe,
chegando, correndo
ao meu encontro,
a minha cidade.
Seus campos floridos,
sua gente pacata,
o meu povo da mata,
que felicidade.

E o trem a correr,
através das montanhas,
foi chegando às entranhas
das minhas recordações.
Do lugar que deixei
para ter outra vida,
que não me trouxe saída
senão as decepções.

E o trem a voar,
sobre os trilhos sem fim,
fez nascer para mim
novamente a alegria
de ser gente outra vez,
de voltar para o meu povo,
recomeçar de novo,
a beijar Maria.

ADEUS, SOFRIMENTO.

ADEUS, SOLIDÃO

Deixe a porta entreaberta
pois a qualquer hora
eu posso voltar.
Finja estar distraída,
esboce surpresa,
quando eu chegar.

Olhe em meus olhos e diga:
alô, meu amor,
você voltou para mim!
Deixe-me tomá-la em meus braços,
matar a saudade
que chegou ao fim.

Vamos sorrir novamente,
esquecer as tristezas,
pois é bom amar.
Vamos voltar a viver,
como dois pombinhos,
sem nos preocupar.

Pois sabemos que a vida ensina
e nós aprendemos
essa amarga lição.
Agora só nos resta dizer:
Adeus, sofrimento.
Adeus, solidão.

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
CADEIRA 01 • PATRONO - GUSTAVO TEIXEIRA





Sérgio Augusto Alonso Ballaminut

@sergioballaminut

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Nasceu em 16 de junho de 1975, em São Caetano do Sul (SP). Bacharel em Administração de Empresas e especialista em Finanças, diplomou-se também em Produção e Gestão Cultural. Foi membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul de 2013 a 2016, tendo atuado, por meio de funções consultivas, deliberativas e normativas, em trabalhos culturais e serviços prestados à historiografia de São Caetano do Sul e da região do Grande ABC. Poeta e escritor, escreve desde 1990, contando com vasto acervo poético. Participou de antologias literárias (*A Forja da Liberdade, Paixão e Amor na Literatura, A Árvore da Vida, Best Seller 2004 e Idiossincrasias*), livros (*Cantos e Recantos e Cúmplices da Poesia*) e revistas (*Raízes*, números 30 e 47). Publicou cinco livros de poesia: *Os Poetas do Meu Canto* (2012), *Poesia em Quatro Atos* (2014), *A Flor de Minas e a Janela dos Dias* (2015), *Alma de Mim* (2016) e *Fazendeiro do Tempo, Mensageiro do Ar* (2020). Escreveu, também, alguns contos, tendo editado um em antologia (*Contos Cotidianos*). Sua publicação mais recente é *Fios Urbanos em Versejanças*, lançado em 2024.

CAOS



Tudo caos
Perdem rumo barcos
À deriva, naus
A alva pomba da paz
Ficou trevas demais
Tira vida de cais
Causa sua influência
Impaciência
Indecência
Demais
E a dama dividida
Entre a vida e a vida
Perdida
Já não sabe mais...
O que fazer
Diante de tal cenário
Diário
Não vário
Diante do susto
Bicho
Se retrai em arbusto
Mas o pássaro do bem
Ainda tem
E tudo vê
E canta o mantra
Que agiganta
E ainda vai fazer
O duro amolecer
O frio nos aquecer
Tudo voltar a ser
Como já foi um dia
Depois que a nuvem sair
E o sol colorir
Nossa alegria.

REGRESSÃO

Em busca de paz
Acende-se vela
Que vela caminho
A se percorrer
Rumo ao distante
Vida de antes
Que reviver.

Mergulho no tempo
Recordação
De uma vida de sonho
De arte e paixão.

Paleta em punho
Cabeça em virada
Na tela, a amada
Em reprodução.

Sonho impossível
De dama e plebeu
Sonho que havia
Mas não ocorreu.

Nas voltas da vida
A doce acolhida
De dama uma outra
De mais simples vida.
Veio casamento
Tão feliz momento
E a musa da corte
Preparando a morte
Do que não pôde ter.

E olhando para ele
Atirou naquele
Que era o amor seu.

E as bodas findaram
As tintas voaram
O pintor morreu.

MESMO CHEIRO

Cheiro doce
Que a brisa traz.

Cheiro fosse
Cheiro que apraz.

Cheiro sente
Ido é presente
Chega e faz
Voltar atrás
Pensamento
Sentimento
Sedimento
Revirado mais
Uma vez
Outra vez
Tudo em mente
Mesmo cheiro fez.

FRISSON

Passado

Às vezes, presente

No perfume que se sente

Na memória do prazer.

Tudo volta a ser.

Instantes

Delirantes.

Remissão

Da mente ao antes.

O nem sempre saudade

Em *flash* de realidade.

O nem sempre bom

Em instante ganhassom

Assim, a memória

De cada história

Com ou sem *frisson*.

O PERFUME QUE
FICOU NO AR

O perfume
Que ficou no ar
De algum tempo
Algum lugar
Romântico lembrar
Romântico sentir
De flor se abrir
Até murchar.

O perfume
Que há de sempre estar
Quando o cheiro
Dele se lembrar
Viagem
Sem passagem
Sem parada
Infinda estrada
De voltar.

O perfume
Que está no ar
Sempre no ar
Vo-ar.

RENGOS

Senhoras do destino
De deuses e humanos
Senhoras dos planos
Dos fios de vida
Feitecidos e cortados
Enredados
De encontros, despedidas
Chegadas e partidas
Idas e voltas, e idas
Pretendidas
Senhoras das vidas
Que vão em mãos
Quais mamulengos
De alguns rengos
Em ação.

FACETAS

Face em facetas
Mais triste opereta
Que não as quis
Não atriz
De viver o seu drama
Sua lama
Seu não desencana
Infeliz.

As tantas em uma
Desejo de suma
Desejo, também
De saber-se quem
Simplesmente ser uma.

Voltar a sorrir
Seu sorriso, menina
Aborto da sina
Incondiz
Não atriz
Bailarina
Em riso de bis.

PARTIDA

CHEGADA

I

Mundo girou
Como sempre gira
Passarinho voou
Para onde saíra.

Coro, escolhido
Partiu em destino
Volta, acolhido
Para dar novo trino.

Assim, a vida:
Um dia, chegada
Outro, partida.

II

E o coro se desfaz
Para nunca mais
Mas só aquele
Que ficou para trás.

Sérgio Augusto Alonso Ballaminut
CADEIRA 20 • PATRONO - MÁRIO DE ANDRADE





Jose Roberto Espíndola Xavier

@drxavieroficial

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 24, cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto, é médico, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) - campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho, é membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio-presidente da Associação Paulista de Medicina - Regional de São Caetano do Sul, foi médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. É curador da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e patrono fundador das Artes do município, além de ser membro da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias *Meu Século* (2002) e *Voyeur* (2006) e da coletânea de discursos, crônicas e resenhas *Sobre sentidos e sentimentos*, lançada em 2023.



RETORNO

Quando setembro vier, quero estar pronto
Para conhecer a vizinha do lado
Vejo-a, às vezes, mas não sei quem é
Circumspecta, semblante desolado
Terá filhos, marido, mulher?

Quando setembro vier, saberei, mas não hei de julgar
Pessoas são mais liberais sob sol aberto
E aprender a gostar de gente é não se alienar...
Na primavera mais cedo desperto
O café na padaria continua solitário
Na lida diária não construo empatias
Ao gentil garçom, apenas um reles bom dia

Quando setembro vier, estarei preparado
Pretendo manter o *homework* ligado
Já pouco falava com o colega defronte, afinal
Prefiro o diálogo com a inteligência artificial
A bel prazer dos meus desejos e aptidões
Que me hipnotizam em nuvens do bem e do mal

Quando setembro vier, terei um encontro com as flores
Embora me inebriem com suas cores e perfumes
Não as tenho para cumprir dívidas de amores
Arcabouço necessário no trivial dos costumes

Quando setembro vier, ficarei mais atento
Tentando sorrir e, no *script* social permitido,
Compactuar com opiniões, com estranhas alegrias
Que a mim soam como distópicas elegias
Subvertendo querubins, entre Eros, egos e orgias

Quando setembro vier com painéis multicores
Deixarei na janela um vaso para o mundo
E se encontrar de novo no elevador dos aflitos
Vizinhos que despertem suspiros e paixões
Perguntarei seus nomes; direi que são bonitos
E os convidarei para inusitados cafés restritos
Com expectativas de sabores, gozos e ilusões...

Quando setembro vier que seja para reviver
E atravessar passarelas de prescritas esperanças
Com olhos de ver a beleza do céu azulado
Resgatando o incrédulo, o demiurgo e a criança
E, num arroubo de coragem, despir-me do passado.

José Roberto E. Xavier

CADEIRA 24 • PATRONO - ALBERTO DE OLIVEIRA





Roberto de Carvalho

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 29, cujo patrono é Humberto de Campos. Nasceu no dia 2 de março de 1964, em Liberdade (MG). Em 1977, mudou-se para Angra dos Reis (RJ), onde viveu durante 27 anos. Atualmente, vive em São Paulo. Poeta e escritor com diversos prêmios, é membro da Academia Guanabarina de Letras e do Ateneu Angrense de Letras e Artes, e possui dezenas de obras próprias e mediúnicas publicadas pelas editoras Aliança, Boa Nova, Saraiva, Daya Editorial e Fundação Dorina Nowill. Sua lavra literária engloba poesias, romances, infantojuvenis, contos e crônicas, com mais de 500 mil livros vendidos até meados de 2019. Por sua atuação no campo literário recebeu as seguintes distinções culturais: Comenda do Médio Cultural Brasil dos Reis, Láurea Cultural Colar de Cunhambebe e Moção de Aplausos, pela Câmara Municipal de Angra dos Reis, dentre outros. Por várias vezes compôs comissões julgadoras de concursos literários realizados por diversas instituições culturais.



O TEMPO

O tempo, que é senhor dos nossos passos
desde o instante em que somos concebidos,
não traz de volta os dias percorridos,
sejam eles de glórias ou fracassos.

Somente à frente somos impelidos,
pois só o futuro nos reserva espaços;
então seguimos cultivando laços
inquebrantáveis com os fatos vividos.

Assim esse titã que nunca dorme
vai inserindo em nós os sentimentos
que a cada dia mais acumulamos...

Torna-se o peito um roseiral enorme,
onde os espinhos vêm dos sofrimentos
e as flores, das venturas que plantamos.

MINHA SAUDADE

Minha saudade é branda feito as águas
de um córrego bem próximo à nascente.
Minha saudade não cultiva mágoas,
nem traz a dor passada ao meu presente.

Minha saudade não ostenta fráguas
(*chagas ardis* que o saudosista sente),
porque, se tentam resplender, apago-as
e direciono o pensamento à frente.

Minha saudade é lágrima discreta,
é o peregrino a andarilhar sem meta,
é lua branca a se espalhar nos guetos...

Minha saudade é a alma que suspira;
musa divina que me encanta e inspira
a garimpar poemas e sonetos!

SONETO DA ETERNA BUSCA

Irreversivelmente o tempo gira
e as pretensões que temos, a contento,
revertem-se no espaço de um momento,
depondo o sonho alegre que existira.

Não pôde ouvir, Eurídice, o lamento
das vibrações febris que um dia ouvira,
de Orpheu a dedilhar chorosa lira,
buscando a musa amada à voz do vento.

Herdei de Orpheu a busca inacabada,
fazendo da poesia a lira e a estrada
com que venho tangendo o sonho meu...

Também herdei de Eurídice as saudades
na solidão terrível do meu Hades,
na espera interminável por Orpheu!

Roberto de Carvalho

CADEIRA 29 • PATRONO - HUMBERTO DE CAMPOS







RETORNO

Sócios-correspondentes



Ana Luiza Almeida Ferro
@alaferro

Sócia-correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, é nascida em São Luís (MA). Promotora de Justiça, professora, escritora, historiógrafa, poeta, declamadora, desenhista e conferencista internacional, é doutora e mestra em Ciências Penais, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem pós-doutorado em Direitos Humanos, pela Universidad de Salamanca (Espanha). Graduada, também, em Letras e Direito, é membro de honra da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica, da European Society of International Law, do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Direito, da Academia Brasileira de Filosofia, da Academia Maranhense de Letras e de várias outras instituições culturais. É detentora de certificados de proficiência em Língua Inglesa pela University of Cambridge (Inglaterra), e de diplomas pela Université de Nancy II (França), como o *Diplôme supérieur d'études françaises*. Autora de numerosos artigos e livros, sobretudo de Direito Penal, História e poesia, dentre os quais *O Tribunal de Nuremberg: dos precedentes à confirmação de seus princípios* (2002), *Quando* (2008), *Crime organizado e organizações criminosas mundiais* (2009), *O naufrago e a linha do horizonte* (2012) e *1612* (2014, edições brasileira e europeia), recebeu o Prêmio Poesia, Prosa e Arti figurative (Itália, 2014 e 2019), a menção honrosa do prestigioso Prêmio Pedro Calmon 2014, concedido pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, o tradicional Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015 e o Prêmio Vianna Moog, da União Brasileira dos Escritores do Rio de Janeiro, em 2017.

NA CIDADE ONDE FUI FELIZ



Fui em busca das minhas pegadas
naquela cidade onde fui feliz
algumas estavam secas
na moldura do asfalto
já não eram minhas
umas pareciam molhadas
se desfaziam na chuva
nunca foram minhas
outras eram poeira
o vento as espalhou
jamais serão minhas

parei de caminhar
sentei na calçada
e a cidade onde fui feliz
não era mais minha.

OS PONTEIROS

Retornei à cidade onde vivi
em busca de um relógio que perdi
nas curvas do tempo
ele ainda estava lá
entre uns galhos retorcidos
de uma árvore tombada
mas os ponteiros operosos
ora corriam em desvario
sempre para trás
para trás
traz

traz o tempo

traz o tempo

traz o tempo

traz o tempo

traz o tempo
em desvario e regresso

ora marchavam em ordem
sempre para a frente
para a frente
frente
confronta o vento

em ordem e progresso.

Joguei fora os ponteiros
e deixei lá
o relógio que perdi
na cidade onde vivi.

LEI DO RETORNO

Não é lei escrita
é lei vivida
de quem sabe
que a colheita se faz
na incerta medida
de tudo quanto
foi almejado
na quase medida
do tanto quanto
foi plantado
na exata medida
e um pouco mais
daquilo que foi esquecido
ou deixado
junto às pedras
do meio do caminho.

Ana Luiza Almeida Ferro
SÓCIA-CORRESPONDENTE • SÃO LUÍS (MARANHÃO)





Ana Cristina Silva Abreu

@anacrissabreu

Sócia-correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, foi Acadêmica e ocupou a Cadeira 12, cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984, em Ourinhos (SP). Atualmente reside em Praga (República Tcheca). Coursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo, onde foi premiada, em primeiro lugar, no Prêmio Talento Metodista 2015, na categoria Melhor Monografia, com o projeto de Marketing entre Culturas, e no prêmio Destaque Metodista 2006. Coursou, ainda, Letras, pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboticabal, e em Alfabetização, pelo Centro Universitário UniSEB. Conquistou o segundo lugar no concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra *O Coelho sem Cartola*; o primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores, com a obra *Mas... e o Zero?*; o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infantojuvenil 2013, com a obra *O Colecionador de Palavras*; e o primeiro lugar no Concurso Cultural Pense em algo bonito, sonhe com a República Tcheca 2020, com o conto *Precisando de inspiração? Sua próxima parada é a República Tcheca!* Lançou, ainda, os livros *A Montanha, o Cachorro e o Menino*, *A Dança do Dragão*, pela Amazon, em 2019, e *Do Lado de lá da cerca há algo que cai*, pela Amazon, em 2024.

O CACHECOL DO CARACOL

Esta é a história de um caracol que não gostava de sol. E de um cachecol enroscado em um anzol.

Um dia, enquanto a colônia ainda dormia, um pequeno caracol rastejou para longe da proteção dos arbustos. Ao sentir a brisa da madrugada, sorriu. Mas logo veio o sol quente da manhã lhe dar um susto!

O rabujento molusco deslizou de volta à toca, a mal-dizer a alvorada, enquanto seus primos rastejavam para fora, cheios de alegria.

A água do rio ia e vinha sobre a pedra. Os barcos no rio carregavam homens para a pesca. E o caracol, enfurecido, repetia consigo: “Que calor horrível!”.

Seus primos sob o sol apenas riam. Mas o caracol tinha um plano e pôs seu cachecol, aquele que ganhara da avó no Natal. A velha senhora beijou a testa do neto e disse: “Vá, filho, mas não se esqueça de casa”.

O caracol começou sua longa jornada dizendo que, em algum lugar, a neve fofa o guardava. E, mais uma vez, a colônia deu risada. “Onde já se viu caracol rastejar em terra gelada?”.

Ao deslizar pela pedra úmida, não percebeu que se enroscara. Perto dali havia um barco ancorado e, dentro dele, um distraído senhor. O pescador, em paz, alheio ao drama do molusco, apenas atirou o anzol e não moveu mais nenhum músculo. Um fio, bem na pontinha do di-

minuto cachecol, ficou preso na presa pontuda do anzol. A linha aos poucos desfiava e fiava uma trilha por onde o caracol passava.

Rastejou por pedras, por campos, pelo asfalto. Até que subiu uma montanha e viu o mundo lá do alto. Cansado, adormeceu envolto na brisa da madrugada, mas acordou com a ponta de uma antena congelada. Mal acreditou na brancura do horizonte. A neve cobria tudo! Seu frágil corpinho tremeu e ele quis ajeitar o cachecol. Qual foi sua surpresa, havia sumido, como o sol.

Apenas uma linha se enrolava em seu pescoço. Ainda assim, ignorou o frio o quanto pôde e foi brincar. Deslizou pelo chão até que escureceu. Uma noite muito fria, que ironia! Ele, que do sol sempre fugira, tremia ansioso pelo rasgar do dia.

Segurou, junto ao peito, a ponta daquela linha. Lembrou-se da avó e da colônia e quis voltar para casa. Mas não sabia por qual trilha. Deu um puxão forte no fio de lã e o enrolou no corpo como um laço. E foi puxando, enrolando e seguindo o traço. Desceu a serra, subiu pelas pedras. Sentiu no rosto o sol quente e espremeu os olhos para enxergar.

No fim da trilha havia o aguapé e nele preso o anzol... Esquecido ali com a pontinha do seu cachecol. O dia já raiava e a colônia se espreguiçava. Ao saírem, encontraram o sorridente caracol.

“Primo, o que aconteceu com o seu cachecol?”

E o pequeno viajante, todo enrolado no barbante, contou da neve, do frio, da trilha, de como sentiu saudade. E teve frio e medo e uma imensa vontade de estar com a família outra vez.

Os primos o abraçaram e a avó, com um afago, já logo pegou a agulha e pôs-se ao tricô para refazer o cachecol, que o anzol desfiou. Enquanto isso, todos se divertiam sob o sol. E, sob a sombra de uma folha, divertia-se também o nosso aventureiro caracol.

Ana Cristina Silva Abreu

SÓCIA-CORRESPONDENTE • PRAGA (REPÚBLICA TCHECA)





Flávio Mello

@flaviomelloescritor

Sócio-correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, possui graduação em Letras - Literatura, especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e mestrado em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com o título *Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima*. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. É docente convidado em universidades e colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, Conto Contemporâneo e Poesia. Ministra oficinas em diferentes abordagens, que vão desde a criação de peças e construção de fantoches à poesia modernista de Jorge de Lima. Atualmente é diretor de Cultura em Siqueira Campos (PR).

3:30 MARCA
O RELÓGIO DIGITAL

○ quarto alumiado pela luz amarelecida, quase que desbotada, de um abajur antiquado. Chove lá fora e os pingos desenham varizes na superfície gelada de vidro. 3:30 marca em vermelho o relógio digital na mesa de cabeceira que, ao lado da cama, se mantém em silêncio. Senta-se e coloca as mãos nos joelhos, sem camisa, cabelos rebeldes sobre os ombros, olha para o tapete e calça as pantufas desgastadas, mas não se levanta, continua sentada – como que querendo, mas não querendo. O silêncio antigo e ensurdecedor varre todo o quarto de dormir.

Levanta-se.

Falta ânimo.

Falta coragem.

Caminha, feito um velho elefante, em direção à janela. Entrebre a cortina esgarçada, quase que transparente, e olha para a rua erma, para o passeio deserto, para os reflexos das casas apagadas nas poças d'água. Um gato, um cachorro, som de alarme ao longe, algumas folhas de jornais caminham a esmo pela rua, o cão late, e outro, mais distante, uiva. O gato derruba uma lata de lixo.

Respira fundo.

Tenta entender o que vê.

Tenta compreender.

O silêncio é denso e o ar é pesado. Não sente ânimo para se preparar para o dia, que mal começa... olha para os lados como que procurando um motivo – um reencontro consigo mesma, com a noite passada, da qual pouco lembra. “Houve uma noite passada?”, pergunta-se, olhando para as roupas íntimas. Possivelmente sim, mas...

Caminha até o banheiro, sente o piso frio em seus pés descalços – as pantufas não foram calçadas. “Que horas são?”, pergunta-se, novamente, aflita. 3:30 marca o relógio digital. O tempo congelado a aprisiona em si mesma e, ensimesmada, abre a torneira e se prepara para escovar os dentes. Ao erguer a cabeça e se olhar no espelho percebe que ela não é quem pensava ser – o rosto não era o dela, os cabelos não eram os dela, os dentes que pensava escovar não eram os delas. A dentadura estava em um copo com água... “E essas rugas?”, questionou-se...

A porta se abriu...

—Ana — uma voz estranha, — a senhora dormiu bem? Venha, é hora do café...

Caminhou pelo quarto, sentou-se na cadeira de rodas e foi levada ao refeitório, deixando para trás a moça cansada que desencontrou no reflexo do espelho.

Flávio Mello

SÓCIO-CORRESPONDENTE • SIQUEIRA CAMPOS (PARANÁ)





Teresa Gentile

Sócia-correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, nasceu em Taranto (Itália). Escritora, crítica literária, educadora - com doutorado em Pedagogia -, jornalista e historiadora, é fundadora e presidente do Salotto Culturale Palazzo Recupero, localizado em Martina Franca, comuna da província de Taranto. Atualmente dedica-se à arte e à literatura, e é considerada, na região, uma grande ativista cultural, também por difundir uma cultura de paz em todos os sentidos. Participa, como jurada, em vários concursos artísticos e literários, e já foi agraciada com diversas condecorações, uma delas concedida pelo general Merendino, da Aeronáutica Militar. É autora das obras *Martina Franca desde a tecelagem até a indústria de confecções* e *Ecos do Jubileu em Martina Franca*. Em 2014, lançou uma antologia programada para sete edições intitulada *Scrigno di Emozioni*, com a participação de poetas brasileiros e italianos, sedimentando, assim, a sua atuação cultural além da Europa, graças a ponte de amizade e paz construída com a poetisa ítalo-brasileira Ana Stoppa, que assina o prefácio da primeira edição deste projeto. Acadêmica honorária da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro (ANLPPB) e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências A Palavra do Século 21 (Alpas21), possui cerca de 15 livros publicados, sendo que todos fazem parte de um projeto para registrar a história e incentivar a leitura, com várias edições distribuídas gratuitamente.

POR QUE NÃO CRIAR EM
MARTINA FRANCA UM PARQUE
LITERÁRIO DEDICADO À MEMÓRIA
DE SANTE ANCONA?

Grandeza do Senhor

Aquele homem

Aquele homem, mesmo nos últimos anos,
vivia sempre aceso pela vontade de fazer,
de ler e escrever e saber,
sem nunca encontrar tempo para descansar.

Não era um capricho estranho,
nem uma mania.

Era um impulso inato, explosivo,
que dentro se agitava e fervia,
como o jorro da rocha
ou a erupção de um vulcão.

E repetia sempre
a mesma canção.

Alegre ou em meio aos problemas,
quem nasce com o mercúrio vivo no corpo,
ou com a enxada ou a caneta na mão.

Deus descansou após seis dias

Aquele homem
nunca descansa.

(Sante Ancona)

Esta mensagem confirma que para conhecer um poeta é obrigatório conhecer a terra em que ele viveu, assim como acontece com o poeta Giacomo Leopardi e a comuna italiana de Recanati, na província de Macerata, região de Marche.

Todo poeta é tão sensível que consegue expressar a verdadeira essência de seu povo. Sante Ancona deve sua inflexível necessidade de se expressar em versos às qualidades distintivas de Martina Franca, encontradas em algo magmático que arde nele, fazendo-o um ardente adorador da vida e um igualmente atento contemplador da morte. A inspiração poética está na ânsia de expressar o inexprimível e querer apagar o passar do tempo. Essa luta interior entre realidade e lirismo é um traço distintivo de sua poesia.

Pensar frequentemente no passado, na juventude, é para ele uma paixão por um presente que gostaria que fosse eterno, e disso surge a intacta harmonia surrealista de seus versos, semelhantes aos dos líricos gregos. Ancona, na infância e juventude, viveu no Vale do Itria e, depois, levou no coração um grande amor por sua terra. Tudo o que escreveu constitui a epopeia da cidade, composta por tenacidade, laboriosidade, criatividade e fé bem enraizada. Em suas líricas está incrustado nosso passado, entendido como um organismo vivo de tradições, crenças e mitos. Nelas, é cantado nosso campo com o sabor da terra, o peso das pedras, o fascínio ancestral dos *trulli*¹, entendidos como sinais no tempo e no espaço da continuidade das gerações.

Em seus textos encontramos o laborioso fluir dos dias nos becos, nos caminhos, nas oficinas, em uma densa trama de eventos dignos dos heróis do cotidiano. Em sua poesia ressoa a voz sábia dos humildes e dos representantes de todas as artes que constituem uma faceta da identidade poliédrica e criativa de Martina.

¹ Trulli (plural de trullo, do grego cúpula) são antigas construções de pedra, com telhados cônicos, comuns em uma parte da região italiana da Puglia.

Suas palavras são animadas pela exaltação da sacralidade do lar, da fé inabalável e de um desejo sincero de poder voltar a ver pelo menos uma última vez sua amada Martina. Seus versos são caracterizados pela lembrança de nossas fortes rochas, dos fortes carvalhos, da terra avermelhada e do forte coração de nosso povo, que sabe resistir às tempestades da vida como as rochas e os carvalhos, e que, se cair, sabe ressurgir com o grito da fé que não desmorona e um sorriso para secar as lágrimas. E é por essa sua forte têmpera de Martina Franca autêntica que, aos 100 anos, ele ainda compunha poesias inspiradas pelo amor ao Vale de Itria.

Uma de suas coletâneas se chama *Grandeza do Senhor*. Ele a dedicou à sua mãe, que encerrava em si o grande valor da esperança, tanto que, às vezes, se o via pensativo e triste, dizia-lhe: “Meu filho, nunca pare. Há muitas vidas na vida, sempre há o que sonhar e construir”. Foi ela quem o acostumou a observar atentamente as coisas belas porque elas são “grandezas do Senhor”.

E viu tanta grandeza e beleza na flor que desabrochou e na boa colheita, na vindima, em cada criatura, e sobretudo em fazer o bem e na vida pura. Na criança sorridente no berço, mas também nos muitos agricultores reunidos às cinco da manhã ao pé da torre do relógio, na Piazza Plebiscito, que, movidos pela esperança, estavam ali com a enxada, à procura de trabalho. Porque, se faltasse, as pobres chaminés não fumegavam, e as crianças sem pão despertavam tristeza. Nem todos foram chamados; muitos voltaram aflitos e de cabeça baixa. É mesmo verdade, se a torre do relógio de Martina tivesse voz, quantos suspiros teria de contar, junto com os tempos heroicos do trabalho a ser buscado a todo custo como sinal de dignidade. E nenhum trabalho era considerado humilde naquela época, mas muitos adoravam se especializar em vários empregos até se tornarem mestres neles.

Em suas poesias ressoa uma história antiquíssima:

Pudesse eu rever a fazenda do bairro Carpari, onde notei os restos da aldeia de Badessa que, antes mesmo de Roma nascer nas sete colinas, já existia há milênios, e deixava ouvir o canto dos ferreiros e o som dos martelos nas bigornas. De fato, Badessa Monte del Forno era o maior centro neolítico da Apúlia, destruído pelos sarracenos no século X, sede de uma antiquíssima indústria siderúrgica, talvez a primeira da Europa. Pois bem, muitos desses testemunhos constituídos por ânforas, moedas, etc, estão agora espalhados em fazendas vizinhas, e outros foram enviados a Egnazia. Não catalogados por falta de fundos, não estão guardados no museu da cidade. Em suas poesias encontramos ecos de orações, sons de harmônicas e tarantelas, perfumes de menta ou de cidreira e de vinho cozido, pão caseiro assado na grelha da lareira, e ligeiramente umedecido com bom azeite, e ouvimos as palavras sábias de sua mãe adorada, de seus professores e dos anciãos.

Encontramos o dia de sua primeira comunhão, o primeiro amor, a emoção que ele sentiu aos pés da Maddonnina pastora, em San Martino. Encontramos ecos de histórias verdadeiras, vividas, sofridas e personagens dignos, humildes, trabalhadores que nos lembram de sua história e desejam nos ensinar algo. Por isso, confiam nas palavras do nosso poeta para que nunca caia no esquecimento a memória de humildes heróis da vida cotidiana, de pessoas tenazes, capazes de lutar com as rochas e a natureza, ou de ir para qualquer terra à aventura, sonhando com o doce *trullo* e sua paz. Mas também de se tornarem mestres na arte da alfaiataria, do trabalho em pedra, ferro, madeira e dos segredos da agricultura. São pessoas que souberam, e ainda sabem, encarnar valores que são eternos e que, por isso, ainda têm muito a nos ensinar: competências laborais, honestidade, bondade, apego à família, atenção aos mais fracos.

A poesia de Sante Ancona é semelhante a uma lâmpada suave que brilha para consolar as dores, nos fazer re-

cuperar o orgulho e o sentido da nossa identidade como povo, trazer um sopro de ar puro na opressiva atmosfera de má conduta, de poluição natural e moral. Ele ama e canta a identidade da nossa terra, e o que amamos desejamos que nunca morra. É por isso que, mesmo quando já tinha mais de 100 anos, Sante Ancona, ao pensar em coisas belas, revê sua mãe adorada, sua Martina, o verde das vinhas, a prata dos olivais e nossos pores do sol cheios de magia e maravilhosas iridescências que se dispersam no céu e entre os pináculos dos *trulli* enquanto os sinos das igrejas grandes e pequenas, espalhadas pelo Vale do Itria, nos trazem o eco da *Ave Maria*.

Por tudo isso, esperamos que no Vale do Itria possa surgir um parque literário dedicado à obra poética de Sante Ancona. Uma experiência nesse sentido já foi realizada no ano 2000, pela escola primária Chiarelli, implementando a irmandade com Recanati em nome de Sante Ancona e Giacomo Leopardi. Muitos ônibus de famílias martinesas partiram para Recanati e dali chegaram outros veículos para visitar o Vale do Itria, os *trulli* e os lugares cantados pelo nosso poeta. Depois, houve uma grande manifestação organizada por escolas de todos os níveis do bairro Carmine, pela Fundação Novas Propostas e pelo Parmaso delle Muse, e participaram eminentes personalidades locais e de Recanati.

Agora, confiamos à nova administração, este sonho da criação de um parque literário no Vale do Itria dedicado a Sante Ancona e, ao lado dele, à memória de muitos outros poetas que cantaram o fascínio do local, com simplicidade, assim como se faz quando o pensamento é motivado por um verdadeiro amor por uma cidade e por uma sincera admiração por um de seus melhores filhos. Obrigada, Teresa Gentile.

Teresa Gentile

SÓCIA-CORRESPONDENTE • TARANTO (ITÁLIA)

Texto traduzido por IA.





Giovanni Monopoli

Sócio-correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, nasceu em Taranto (Itália), em 28 de junho de 1949. É sócio-fundador e presidente da Associazione Culturale Onlus Poiesis, instituição cultural sem fins lucrativos, com sede em Taranto. Participou de várias antologias, em Italiano, Português e Romeno. Os seus primeiros escritos seguiam pegadas longe do coração, mas, na medida em que o tempo passava, soube dar prosseguimento, aplicando a cultura da palavra, que o levou a escrever os livros de poesia: *Cristalli di poesia*, *Viaggio nella natura* (estes dois com edições em Português), *Scrivendo pensando*, *Un viaggio tra i silenzi della vita per un non dimenticare mai* e *Gemme d'amore*. *Cristais de Poesia* e *Uma viagem pela natureza* foram lançados no Brasil em 2016, nas cidades de Jales (SP), Mauá (SP), Cruz Alta (RS) e Soledade (RS). É membro honorário da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências A Palavra do Século 21 (Alpas21).

UM ANJO

A escuridão e o vazio se instalaram em sua mente: o que havia acontecido? Tudo era um mistério até que, finalmente, abriu os olhos, que reviravam em busca de um porquê, de um motivo. Nada passava pela mente naquele momento distante, mas notava que estava cercado por muitas pessoas, mas ainda não conseguia encontrar uma explicação.

Estava incrédulo, mas o que chamou sua atenção foi que estava rodeado por médicos e enfermeiros, que se esforçavam para lhe prestar socorro, então se fez uma pergunta: o que estava fazendo ali? O que havia acontecido?

O silêncio pairava na sala, não se ouvia nenhum murmúrio, mas a preocupação era palpável e havia um grande vai e vem. Pouco depois, um médico se aproximou e lhe informou que havia ocorrido um acidente, mas que ele deveria ficar tranquilo porque tudo estava sob controle. Ainda não conseguia entender, mas continuava a se perguntar: o que havia acontecido?

Ainda não se dava conta de nada, não conseguia compreender e, na mente confusa, começou a deduzir algumas coisas. Pensou em qual era a última coisa que estava fazendo: será que havia ocorrido um acidente de trânsito? Então, de repente, empalideceu porque lembrou o

que estava realmente fazendo, a última operação havia sido subir em um poste. Sim, um poste onde estava instalado um transformador que alimentava uma passagem de nível, de 20 mil volts para 220 volts. Estremeceu com esse pensamento!

Lembrou que não estava sozinho, mas na companhia de um colega e, com um fio de voz, perguntou a um enfermeiro quais eram as condições de saúde dele. Mas ninguém lhe trazia notícias, também porque ele estava realmente mal e qualquer emoção poderia lhe custar caro; de fato, estava cheio de tranquilizantes e sedativos para mantê-lo em uma situação tranquila.

Os ponteiros do relógio da sala pareciam correr. Manhã e noite se alternavam em uma frequência estranha sem que ele percebesse, observava que as luzes se acendiam e apagavam em intervalos de tempo que lhe pareciam curtos, mas não era assim, era o dia que passava com seus cochilos. Mas ainda não se dava conta do que realmente havia acontecido! Aos poucos, começou a reorganizar os fragmentos da memória ofuscada e uma lágrima começou a descer pelo rosto. Questionou novamente os médicos e enfermeiros e, pelas respostas deles, deduziu que o colega estava bem, e então se tranquilizou, confiando nos cuidados deles.

Passaram-se dias e, aos poucos, ele começou a entender que estava na sala de reanimação do hospital da cidade. Soube do acidente, mas ainda não tinha clareza sobre o ocorrido e sua dinâmica. Em uma manhã de janeiro, com vento quente, foi transferido para um centro de queimados em outra cidade, com estrutura de excelência avançada para casos como o dele. Por 52 dias teve de ficar deitado devido às consequências do acidente. Também tinha uma fratura no trocânter direito que não lhe permitia caminhar e, ainda não podendo ser operado, era obrigado a ficar na cama para a cura da fratura, que estava deslocada. Uma cirurgia apresentava alto ris-

co de infecção óssea, o que certamente o levaria à morte. Foi tratado no leito do hospital até ser submetido a várias sessões de cirurgia plástica em partes do corpo onde as queimaduras haviam causado sérios danos. De fato, tinha um braço com queimaduras de terceiro grau, assim como na cabeça e no tórax, além de um orifício de saída da descarga elétrica no pé esquerdo.

Com grande profissionalismo por parte dos médicos e enfermeiros, começou lentamente a se recuperar, embora tenha ficado com graves sequelas incapacitantes, que marcaram todo seu corpo. Finalmente chegou o dia da alta, havia superado as dificuldades devido às queimaduras, mas queria ser informado de uma vez por todas sobre a verdadeira dinâmica do ocorrido, pois se tratava de um grave acidente de trabalho. Recebeu notícias do colega que, mesmo em choque, havia retomado a vida cotidiana, embora, ainda, com a mente em tudo o que havia acontecido.

Explicaram-lhe em detalhes o que havia acontecido: uma descarga elétrica de 20 mil volts o atingiu no momento em que ele chegou perto do terraço de um transformador de poste, em uma intensidade que não perdoa e que, só de pensar, pode-se imaginar o que pode causar em um ser humano. Ele se tornou uma tocha humana que estava prestes a ser carbonizada se não tivesse acontecido o que pode acontecer na vida: salvar-se.

O fusível de alta tensão do transformador se desintegrou, fragmentando-se em mil pedaços que se projetaram como projéteis, atingindo quem estivesse nas proximidades. De fato, o desfalecido, teve uma minúscula lasca que entrou pelo couro cabeludo e se alojou atrás da mácula do olho esquerdo, felizmente sem perfurá-lo: foi um milagre (o primeiro)!

Então, interrompendo a tensão de alimentação do transformador, caiu de uma altura de seis metros, de cabeça para baixo, em direção ao lastro dos trilhos próxi-

mos. Por uma série de circunstâncias (segundo milagre), caiu na terra, sofrendo outras feridas, embora não mortais. O colega, que havia ficado chocado com o ocorrido, assim que percebeu que o amigo estava no chão ofegante, correu e fez o que nunca teria pensado em fazer, ele que desmaiava facilmente com uma gota de sangue. Procurou e conseguiu arrancar o amigo da morte certa. Como o fez?

Enquanto ele jazia no chão prestes a morrer sufocado, ele abriu sua boca, agarrou a língua já voltada para a garganta, enfiou os dedos e, com uma pegada enérgica, começou a puxá-la, mas a contração nervosa era muito forte, tanto que a boca se fechou, mas ele continuou a puxar, machucando os dedos. Não desanimou, voltou com um alicate encontrado no caminhão, reabriu a boca e, finalmente, conseguiu tirar a língua daquela posição antes que o amigo morresse sufocado; então, imediatamente, fez a respiração boca a boca, estimulando o esterno, ajudando-o assim a retomar a respiração. Conseguiu, com dificuldade. Havia realizado o terceiro milagre.

Ele estava realmente em péssimas condições, não podia ficar ali inerte no chão, precisava ser transportado o mais rápido possível para o hospital, mas ele estava sozinho e não sabia como levá-lo. Havia salvado sua vida, mas corria o risco de morrer se não fosse imediatamente socorrido.

Desesperado, começou a chorar pensando que talvez tudo o que havia feito pudesse ser em vão, estavam sozinhos em uma estradinha de campo, nenhuma alma viva por perto. Quanto mais o tempo passava, mais as esperanças diminuía e então aconteceu o que nunca se esperaria: o quarto milagre!

Por acaso, um carro de um vendedor de laranjas passou, pela primeira vez, naquele terreno. Ele parou e, juntos, colocaram o ferido no carro e correram em alta velocidade para o hospital. Foi sua salvação. Hoje, essa

pessoa milagrosamente salva, quando conta o ocorrido, tem os olhos cheios de lágrimas, não bastará toda a vida para agradecer ao colega que, pelo grande susto, não conseguiu mais se integrar ao mundo do trabalho, pedindo demissão pouco depois.

Uma série de eventos milagrosos salvou uma vida, graças também a uma pessoa maravilhosa... Uma pessoa que tem um nome milagroso: Ângelo.

Giovanni Monopoli

SÓCIO-CORRESPONDENTE • TARANTO (ITÁLIA)

Texto traduzido por IA.

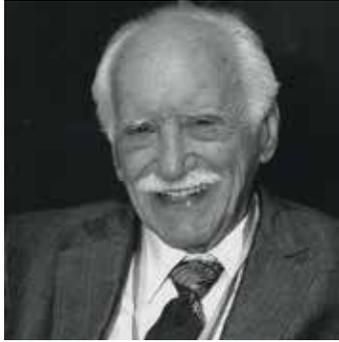






RETORNO

In Memoriam



Rinaldo Gissoni

No dia 11 de agosto de 1981, Rinaldo Gissoni fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp), um orgulho para a cultura brasileira. Foi presidente desta instituição por 26 anos e ocupou a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu em São Paulo, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni, e faleceu em 6 de novembro de 2010, em Santo André (SP), aos 94 anos. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia, quando ainda estudante em Pouso Alegre (MG), onde morou, apaixonou-se pelas letras. Paixão esta que o levou a fundar os periódicos *O Futurista*, de caráter eminentemente literário, e *O Veterinário*, de caráter científico, além do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos, culturais, éticos e estéticos mostrados em suas obras, nas quais valorizou, sobretudo, a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em *Dimensões Humanas* (1976); *Pedestal Inacabado* (1981); *Brumas* (1983); *Os Mistérios da Montanha* (1989); *O Enigma Rosângela* (1993); *Irisações Finais* (2000); *Braços Abertos* (2007); e *Elemento RAM, O: Random Access Memory* (2007). *Além das Trevas* (2010) foi seu último livro publicado em vida e lançado *in memoriam* devido ao seu passamento. A Academia de Letras da Grande São Paulo foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

O RETRATO DE MARIA

(do livro *Os Mistérios da Montanha*, editado em 2011)

Augusto era um decorador. Ao contrário daqueles que aprendiam essa arte em cursos especializados, ele passou a exercer por vontade, vocação e acompanhando o próprio pai, um prestador de serviços que, atendendo a interessados, coordenava e dispunha de móveis e utensílios no interior das residências, para comodidade e alegria de seus moradores.

Augusto aprendera muito mais. Decorava com ordem e equilíbrio dando especial aspecto a tudo que tocava com as suas habilidosas mãos.

Criou fama como decorador. E o seu nome foi citado longe como exemplo de capacidade, honestidade e confiança.

Certa ocasião em que se achava em dificuldades financeiras, pois liquidara as últimas prestações do apartamento que adquirira, recebeu uma carta da Itália em que um tal de Ludovico o chamava para serviços de decoração, e gerenciamento de outros, na sua Vila del MontSerat, na Sicília. Anexo, como adiantamento, um cheque de cinco mil euros.

Como recusar? Augusto arrumou a mala e partiu. Pela primeira vez entrava numa aeronave com tantos passageiros. Viu-se acima das nuvens entre o Céu e a Terra e leve como uma pluma. Delícia. Através do vidro do visor ele viu o caos. Deixava um mundo para entrar noutro. A

viagem foi tranquila. O que levava e o que poderia trazer?

Esperado no aeroporto, foi conduzido ao hotel e, no dia seguinte, logo de manhã, um carro foi buscá-lo. Os seus trabalhos de colocação de sanefas e cortinas, reposteiros, ornamentos, reparação de vidros e espelhos, tapetes, estofos, aconchegos, disposições nos salões de festas e recepções, nas salas de reuniões e biblioteca, foram realizados durante muitos dias, mesmo porque foi preciso contratar um pintor para renovar as pinturas do teto, de algumas paredes, e para a restauração de portas, janelas e volutas, além de um mestre carpinteiro, e pedreiro para reparo de pisos. Enquanto Augusto executava o que lhe cabia e supervisionava outras mãos de obra, havia uma espécie de fiscalização romântica: achava-se sempre ao seu lado a formosa Olímpia, filha do duque Ludovico. Ela era um tipo elegante, na flor dos seus 18 anos, trajava-se sem exageros como todas as mulheres mediterrâneas e sob os seus cabelos negros, lisos e brilhantes, havia reservas de perfumes, educação e versatilidade. Em síntese, era um encanto de mulher.

Ela se aproximava leve como uma borboleta, cantolando entre os lábios pouco descerrados uma canção napolitana e punha-se ao lado de Augusto. Fazia-lhe perguntas sobre o povo dele e o seu país; dizia que passou a admirá-lo pela demonstração de nobreza e por, com presteza, vir de tão longe para atender ao chamado de seu pai que, na qualidade de *sindaco* da cidade achava-se cercado de inimigos e invejosos, mas precisava ter o seu castelo em condições para importantes reuniões políticas e sociais.

Augusto sentia o coração pulsar por Olímpia, mas era comedido nas suas expansões; e ela se sentia atraída por Augusto, mas não fazia segredo do seu romance... Terminados os trabalhos de decoração os dois já se amavam

nas cordas do lirismo. Oh! O amor entre latinos não vê obstáculos de orgulho e preconceito! Chamado pelo duque para acerto de contas, Augusto confessou que amava Olímpia com elevadas intenções e, como era por ela amado, a queria para esposa.

Ludovico, qual cavalheiro, considerou o pedido como um desfecho natural, pois essa situação não lhe passara despercebida, e o desfecho poderia ser, mesmo, providencial, porque em face de reações políticas de opositores, a sua família corria risco. Olímpia estaria segura sob outra proteção e em outro país, embora a sua ausência fosse lamentada. O duque então resolveu que se realizasse o casamento, naquela vivenda, e celebrada pelo arcebispo d. Máximo.

A festa foi simples, mas Augusto foi bem recompensado porque recebeu quantia redobrada, passagens de avião e um outro tesouro, Olímpia, como esposa e companheira. Antes da despedida, Ludovico foi à biblioteca trazendo dali um quadro que ofertou a Augusto, dizendo:

— Tu levas parte da minha vida, um tanto de meu coração e, também, este retrato de Maria, bem antigo, cujo pintor não se sabe quem foi: Rafael, Leonardo da Vinci, Ticiano, Ghirlandaio ou Massaccio? É de grande valor. Onde estiver este retrato haverá paz, amor e segurança. Atribuem-lhe milagres. Conta-se que Galileu foi um dos seus possuidores. Quando ele subiu à Torre de Pisa, no exercício de sua teoria sobre a gravidade, uma força magnética o puxou para baixo. Ele morreria no chão. Nesse instante uma violenta lufada o jogou para dentro da torre. Ao chegar ileso em casa, encontrou a janela do laboratório amplamente aberta e o retrato de bruços sobre a mesa de trabalhos. A salvação de Galileu foi um milagre.

Lembrando dessa e de outras histórias, Augusto, já no

seu apartamento, ao chegar com Olímpia de sua longa viagem de volta, colocou o retrato sobre um console de mármore e, ao lado de um lécito, isto é, um pequeno vaso de gargalo fino e comprido para nele depositar, sempre, uma flor recém-colhida. Tinha de ser um botão de rosa vermelha para lembrar a possibilidade de um imprevisto, um fato maravilhoso, talvez não passasse de uma simples conjectura.

É verdade que poucas vezes as coisas correm conforme os próprios desejos. Oh! Augusto proporcionava a Olímpia passeios e diversões para afastá-la um tanto da lembrança que guardava de sua gente, de sua terra natal, das cores de suas paisagens, e que pudessem influenciar sua saúde. Levava a sua amada às cidades de turismo preferidas em razão de suas histórias, de seus panoramas e de duas obras artísticas declaradas patrimônios da humanidade...Ao lado de Olímpia, curtia dias de descanso nas cidades de águas virtuosas... Proporcionava-lhe horas de encanto nas exposições de arte e nas apresentações especiais de música e teatro.

Certa vez achavam-se no Rio de Janeiro. Então Augusto levou Olímpia ao Parque Nacional da Tijuca. Embrenharam-se na mata, um mundo tão diferente, de paz, de suavíssimos gorjeios de aves, variados em cantos e plumagens, raios de Sol, intercalando-se aqui e acolá na ramaria. Primavera, flores entre lianas e samambaias...

Para colher um botão de rosa vermelha, Olímpia perdeu equilíbrio e, escorregando da tora em que havia subido, caiu sobre um lastro de pedras. Embora socorrida, passou a se queixar de indisposições físicas. Os médicos consultados e os inúmeros exames não chegaram a um resultado esperançoso.

Ela definhava...

Para estar ao seu lado e dar-lhe continuada assistência, Augusto recusava contratos de novos serviços...

Ele havia trazido, num estojo de isopor, o botão de rosa colhido na Tijuca, colocando-o na jarrinha ao lado do retrato. Tinha fé nos poderes de Maria.

Na manhã seguinte, a rosa desabrochava e a imagem sobre o console sorria. Cantando uma linda canção napolitana, Olímpia, também sorrindo, abria os braços para Augusto, para acolhê-lo junto ao coração.

Rinaldo Gissoni
IN MEMORIAM





Gioconda do Carmo Labecca de Castro

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupou a Cadeira 30, cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha (MG), era filha de Humberto Labecca e de Iria de Rezende Labecca. Professora e assistente social, fez cursos de Parapsicologia, Psicologia e Psicologia Dinâmica. Com curso superior em Parapsicologia, formou-se também em Legislação Trabalhista e Relações Humanas. Ainda estudou Literatura, na Academia Brasileira de Letras (RJ); História, no Ateneu Paulista; e Literatura, na Academia Paulista de Letras. Foi presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Fez parte da Academia Brasileira de Trova (RJ), ocupando a Cadeira de Teófilo Dias; do Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; e da Sociedade de Homens de Letras do Brasil (RJ), entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

MINHA BABÁ SIÁ CAROLA

(do livro *Voltando ao Passado*, editado em 2006)

Depois de crescida, mamãe me apresentara Siá Carola, uma senhora forte, robusta, que havia sido minha babá por muito tempo. Era respeitável, honesta e muito religiosa.

Dizia-me que ela cuidava tão bem de mim como se eu fosse sua filha. Não tinha parentes, a não ser um filho que muito cedo fora morar com uma família em Presidente Prudente. Ela pouco sabia sobre ele, mas lhe dedicava um amor exagerado. Não podia ficar com ele porque não tinha recurso algum e desejava melhor futuro para ele. Vivia rezando e pedindo a Deus, que o ajudasse a vencer na vida. Todos em casa a admiravam por ser carinhosa e dedicada. Fazia parte da família. Para mamãe, que tinha muitos filhos e precisava de empregadas dedicadas, encontrou em Siá Carola aquilo que não encontrava nas outras. Mamãe dizia que eu tinha muita sorte em tudo ou qualquer coisa que estivesse ligada a mim saía bem, o que não acontecia com Olga, que fora envenenada com arsênico por sua babá Clara, enquanto ela estava no cinema. Clara já estava há um ano em nossa casa, e parecia gostar de Olga. Ela dera arsênico porque Olga chorava muito e o namorado estava esperando-a na esquina. Ninguém em casa sabia desse namoro, mas mamãe ficou sabendo que ela deixava sempre a criança sozinha e ficava do lado de fora namorando. Os vizinhos pensavam que

meus pais estivessem em casa. Olga ficou muito mal... parecia não ter ossos... Papai chamou o Dr. Jefferson de Oliveira que prontamente o atendeu e salvou a menina; felizmente, a dose não fora excessiva e graças ao conhecimento médico desse grande homem, Olga recuperou-se.

Clara fugiu para não ser presa. Papai a caçou como a um animal, mas nunca a encontrou.

Mamãe era muito grata a Siá Carola e ajudava-a a pagar a casa onde morava e a incentivava a trazer o filho, que já era homem feito. Uma carta chegou dizendo que Antônio, seu filho, era professor de sapateado em Presidente Prudente. A pobre senhora delirou de contentamento, só quem não gostou foi porque dizia que isso não era trabalho para homem.

Vieram muitas cartas em seguida e Antônio sempre prometendo que viria ver a mãe, e que iria levá-la para junto dele. A velha não perdia as esperanças e comentava com mamãe o que faria se fosse com ele.

Numa tarde, eu estava colhendo umas margaridas para levar à igreja quando se aproximou de mim um rapaz magro, estatura mediana, usando um terno meio esquisito, esquisito porque eu não vira ninguém trajado assim: paletó xadrez miudinho e calça do mesmo tecido e gravata branca. Achei até cômico aquele traje. Perguntei-lhe o que desejava e ele me disse que procurava Dona Carola.

— Você é o Antônio?

— Sim! Sou eu!

Saí gritando por mamãe que veio conhecê-lo e o levou até a casa da mãe. Logicamente, papai, quando o viu, achou-o ridículo naqueles trajes. A mãe chorou como uma criança, pois não o via há muitos anos.

Antônio começou a frequentar nossa casa e dar-me algumas aulas de sapateado, sem que papai soubesse. Fora daqueles trajes ele era um belo rapaz, mas extravagante para o meu gosto. Cantava muito bem e sapateava como um artista americano. Tinha um salão em Presi-

dente Prudente com muitos alunos e estava de bem de vida. Fora até convidado para fazer um filme no Rio de Janeiro, não tendo aceitado por temer algum fracasso em deixar o certo pelo duvidoso.

Eu já estava dando uns passos e me interessando pelo sapateado e por tudo que fosse relacionado à dança, música e poesia, pretendendo ter conhecimento no campo das artes. Um dia papai me pegou dançando e ficou uma fera! Expulsou o rapaz de casa sob ameaça de que se voltasse ele iria se arrepender desde o dia que nascera. Proibiu-me de sair à rua enquanto ele estivesse na cidade.

Uma semana depois ele voltou para Presidente Prudente e eu ganhei minha liberdade.

Gioconda Labecca

IN MEMORIAM





RETORNO

VII Antologia Literária

Academia de Letras da Grande São Paulo

VII Antologia Literária é um convite para que cada leitor faça seu próprio retorno, seja por meio das lembranças evocadas pelas palavras, seja pelo reconhecimento de suas próprias vivências nos textos apresentados. Esperamos que cada página inspire momentos de introspecção e que, ao final, o leitor se sinta mais conectado com suas raízes e consigo mesmo.



9 786588 128060

